

As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa¹

ANA MARGARIDA ARRUDA²
VERA TEIXEIRA DE FREITAS³
JUAN I. VALLEJO SÁNCHEZ⁴

R E S U M O As escavações que o IPPAR promoveu no Claustro da Sé de Lisboa permitiram recolher um abundante espólio da Idade do Ferro. Entre esse espólio, de características eminentemente orientalizantes, destacava-se a cerâmica cinzenta que agora entendemos publicar. O estudo que realizámos incidiu, em primeiro lugar, sobre os aspectos estritamente formais, tendo-se definido diversos tipos e variantes. A definição tipológica originou também uma análise pormenorizada desta espécie cerâmica num contexto mais geral, concretamente peninsular, tendo-se tomado em consideração a homogeneidade e diversidade observadas em termos morfológicos, entre as diversas regiões que, durante a Idade do Ferro, produziram e consumiram cerâmicas cinzentas.

A B S T R A C T The excavations that IPPAR undertook in the Cloister of the Sé Cathedral of Lisbon allowed for the recovery of abundant material from the Iron Age. Among this material, of predominantly orientализing characteristics, stood out the grey ceramics that we now publish. The study that we carried out focused, in the first place, on those strictly formal aspects, having defined diverse types and varieties. The typological definition led also to a detailed analysis of this type of ceramic in a more general context, squarely peninsular, having taken into consideration the homogeneity and diversity observed in morphological terms, between the diverse regions that, during the Iron Age, produced and consumed gray ceramics.

1. Introdução

1.1. Localização e enquadramento espacial

O trabalho que agora se publica incide sobre uma espécie cerâmica concreta que integra um vasto espólio da Idade do Ferro recolhido nas escavações que decorreram no Claustro da Sé de Lisboa. O conjunto de questões suscitadas pelas cerâmicas cinzentas pareceu razão suficiente para as destacar da totalidade da amostra, merecendo um estudo específico, apesar de termos sempre tomado em consideração o restante espólio cerâmico recolhido. Deve, aliás, referir-se que esse espólio foi já objecto de um estudo recente efectuado por um de nós (Arruda, no prelo), onde as cerâmicas cinzentas foram, apenas, referidas.

A Sé de Lisboa implanta-se numa das plataformas do chamado “Morro” do Castelo de S. Jorge, localizando-se quase na base da sua vertente Sul. A colina destaca-se bem na paisagem, tem boas condições naturais de defesa e um amplo domínio visual, sendo visível, do seu topo,

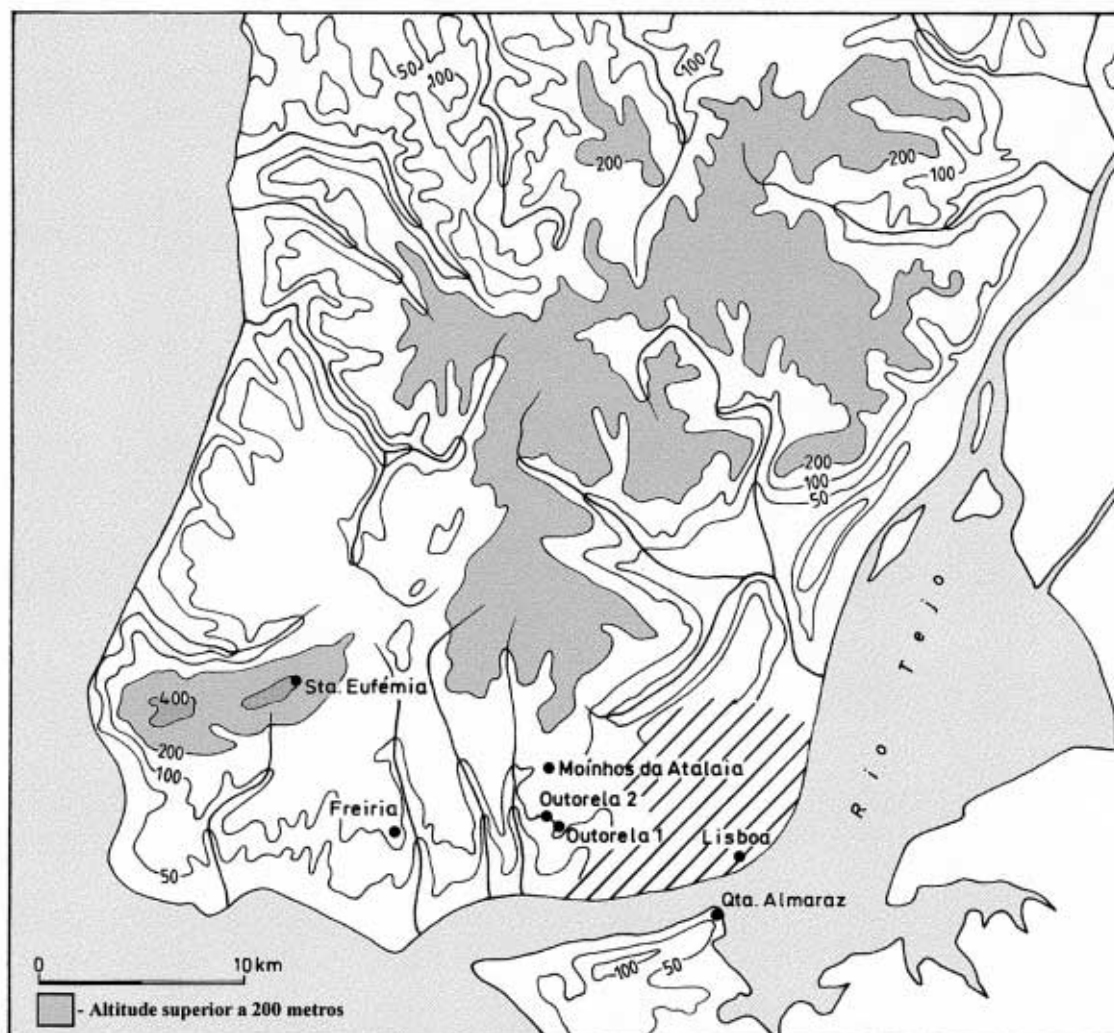


Fig 1 Sítios arqueológicos da Idade do Ferro na Península de Lisboa (segundo Arruda, no prelo).

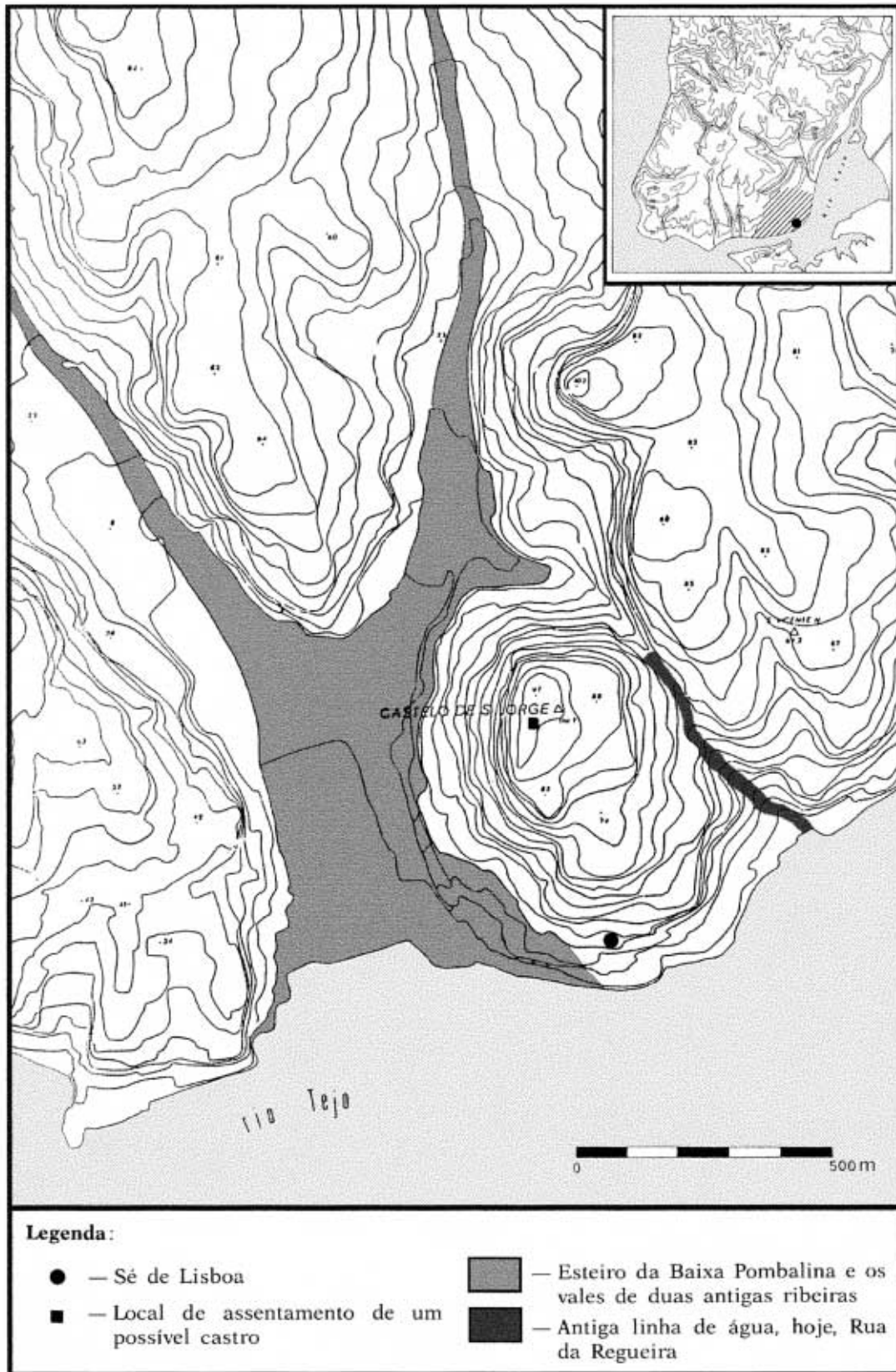


Fig 2 Localização da Sé de Lisboa no Morro do Castelo (segundo Amaro, 1993, modificado).

toda a parte vestibular do estuário do Tejo e o Mar da Palha, e ainda grandes áreas da margem Sul. Estava limitado a Sul e a ocidente pelo rio Tejo e pelos vestígios do braço desse mesmo rio que, na Idade do Ferro, seria apenas uma área parcialmente inundada e que hoje corresponde às actuais rua Augusta e rua do Ouro. A oriente corria uma linha de água, a actual rua da Regueira. A colina do Castelo seria assim uma pequena península, ligada a terra apenas a Norte.

De referir que o esporão rochoso em que se implanta o sítio de Almaraz, na margem esquerda, se localiza, praticamente, em frente à colina do Castelo.

Parece ainda importante referir que a região do Estuário do Tejo é particularmente rica em vestígios da Idade do Ferro orientalizante. De facto, a concentração de sítios arqueológicos sidéricos com materiais de matriz mediterrânea é de destacar neste contexto (Arruda, no prelo). Para além de Almaraz (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993), a Quinta do Facho (Barros, 1998, p. 35-38), a Cova da Piedade (Barros, 1993, p. 38) e as grutas artificiais de S. Paulo (Barros e Espírito Santo, 1997), na margem esquerda, e Outorela I e II (Cardoso, 1990, 1994), Moinhos da Atalaia (Pinto e Parreira, 1977), Santa Eufémia (Marques, 1982-83) e Freiria (AAVV, 1994a; Caetano, no prelo; Cardoso e Encarnação, no prelo), na margem direita, revelaram espólios de clara filiação orientalizante. Independentemente das dissemelhanças que se podem constatar entre estes sítios, ao nível da implantação, da visibilidade e da defensibilidade, que podem traduzir, ou não, distintas actividades, o certo é que o carácter mediterrâneo de grande parte dos conjuntos artefactuais parece significar que a região foi intensa e precocemente frequentada por navegadores/comerciantes oriundos da área do Estreito de Gibraltar. A precocidade desses contactos pode ser lida quer nas datações radiométricas obtidas em Almaraz (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993, p. 167), ou mesmo na Alcáçova de Santarém, localizada já no fundo do estuário (Arruda, 1993, p. 198, no prelo), quer em alguns dos materiais recolhidos na Sé de Lisboa e em Santarém (*ibid.*). O estuário do Tejo corresponde, assim, a uma região onde os vestígios orientalizantes se concentram



Fig 3 Localização do estuário do Tejo na Península Ibérica.

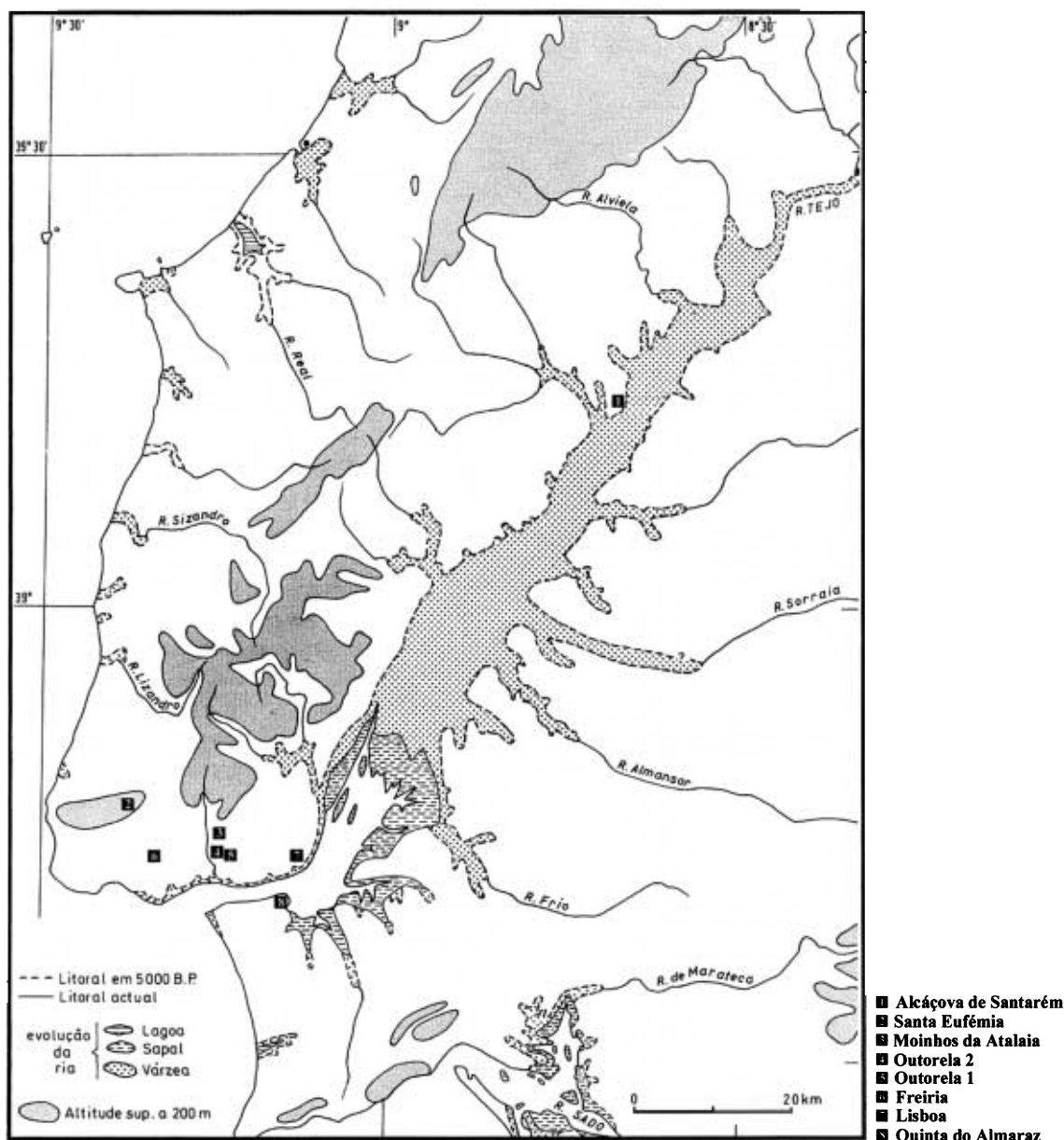


Fig 4 Paleo-estuário do Tejo e implantação dos sítios arqueológicos da Idade do Ferro com cerâmicas cinzentas (base cartográfica de Daveau, 1994).

numa proporção sem paralelo no território actualmente português, o que deve, neste contexto ser devidamente valorizado. O papel que Lisboa, com os seus cerca de 15 ha. de área ocupada, representou na gestão do território envolvente foi, certamente, relevante, não podendo descartar-se a hipótese de se estar perante o sítio que, ao coordenar as actividades comerciais e de gestão dos recursos, assumiria o papel de “Lugar Central”.

Em termos mais gerais, deve insistir-se que o sítio se situa na foz do estuário do Tejo, que na Antiguidade teria uma dimensão consideravelmente maior, sendo certo que aquele extenso braço de mar chegava, pelo menos, até Santarém.

As suas coordenadas UTM, lidas na CMP 431 (1993), são as seguintes: X - 4.88.6; Y - 42.84.8.

1.2. O contexto arqueológico do espólio estudado

O conjunto cerâmico que agora se dá à estampa foi recolhido durante as escavações levadas a efeito no Claustro da Sé, dirigidas, numa primeira fase, por Clementino Amaro e José Luis de Matos a que, mais tarde, se associou Alexandra Gaspar. Infelizmente, as ocupações romanas e pós romanas impediram a progressão, em profundidade, dos trabalhos, tendo os níveis da Idade do Ferro sido detectados, primeiro (1990-1991) apenas em áreas restritas (Q.20, Q.21, P.21, P.22). A publicação do corte efectuado em Q.21 permitiu verificar que os níveis da Idade do Ferro, localizados sob as sapatas dos muros romanos datados do século I d.C., se prolongavam pelo menos até aos 5.50 m. O perfil estratigráfico publicado (Amaro, 1993, p. 189) deixa antever que os níveis correspondentes à ocupação sidérica estão ainda por escavar na totalidade, uma vez que a rocha não chegou a ser atingida. Resta acrescentar que o referido corte ocupou uma área muito reduzida, 1,40 m x 1,80 m, o que dificulta as leituras horizontais (Amaro, 1993, p. 189).

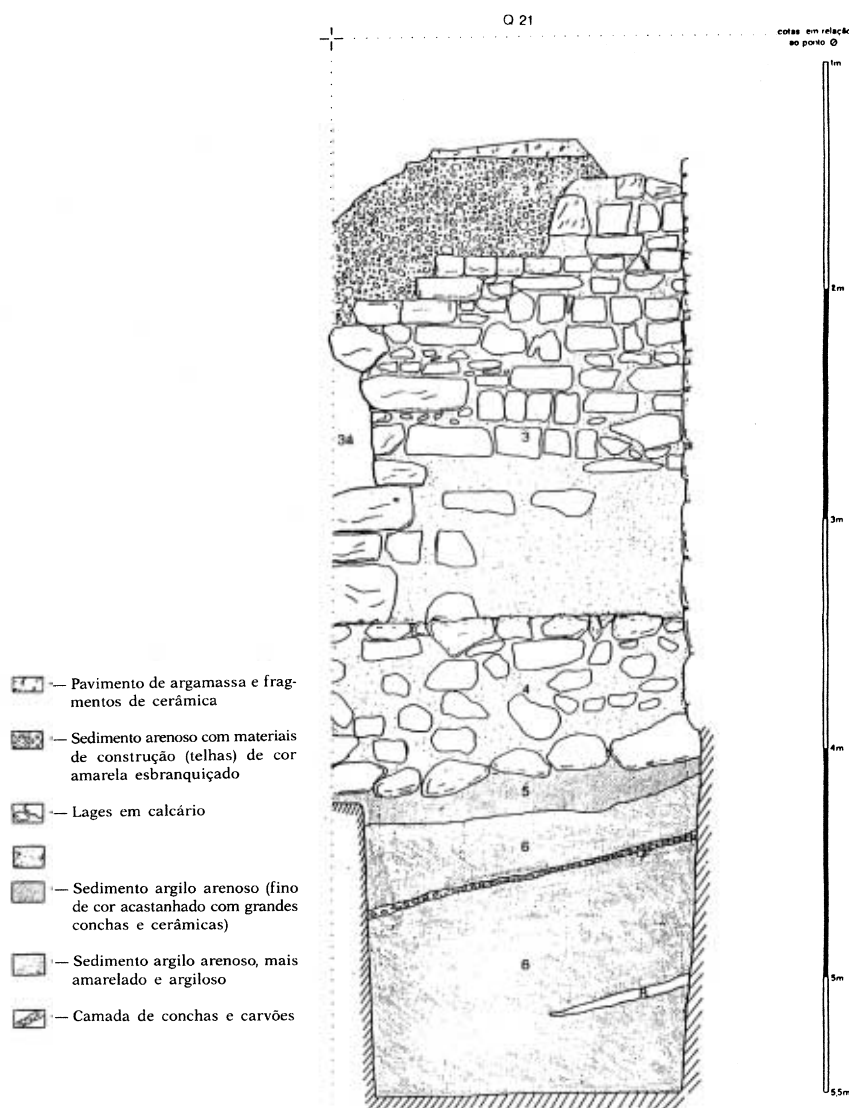


Fig 5 Perfil oeste da sondagem Q.21 da Sé de Lisboa (segundo Amaro, 1993).

A metodologia seguida na escavação destas quadrículas (os sedimentos foram retirados de acordo com camadas artificiais) dificulta a integração crono-estratigráfica do espólio recolhido, apesar de estar indicado que a grande maioria dos materiais orientalizantes são provenientes de uma camada que se situava entre os 4,20 e os 5,50 m.

Em 1995, foi iniciada, junto ao corte de Q21, a escavação de outro sector, que, com uma área total de 52,25 m², integrou os quadrados N18, N19, N20, O18, O19, O20, P18, P19 e P20. Aqui, o método de escavação utilizado foi já distinto, tendo-se seguido a deposição natural das camadas. Também aqui a rocha não foi atingida e, aparentemente, todos os níveis eram ainda de deposição secundária.

O que ressalta de todas as informações colhidas nos desenhos que pudemos observar, e ainda nos registos relativos aos contextos dos materiais da Idade do Ferro, é a dificuldade em deduzir associações claras de espólios de acordo com uma qualquer sequência cronológica.

O estudo dos restantes materiais orientalizantes (Arruda, no prelo) já tinha revelado esta mesma dificuldade, uma vez que a integração estratigráfica do espólio sidérico da Sé de Lisboa é, de facto, bastante duvidosa. Parece, contudo, importante referir que a grande maioria das cerâmicas de engobe vermelho, dos vasos pintados em bandas, das ânforas e das cerâmicas de pastas alaranjadas devem integrar-se cronologicamente a partir da segunda metade do século VI a.C.⁵ (Arruda, no prelo). Existem, no entanto, elementos que indiciam que a ocupação da Idade do Ferro se iniciou num momento mais antigo, sendo óbvio que pelo menos a ânfora de tipo 10.1.1.1. de Ramón Torres não será coeva do restante espólio (Arruda, no prelo, Estampa 24 n.º 1). Outros materiais sugerem a longa diacronia sidérica deste local, como por exemplo a “urna” de tipo Cruz del Negro (Arruda, no prelo, Estampa 18 n.º 1), alguns pratos de engobe vermelho (Arruda, no prelo, Estampas 15 e 16) e, com reservas, a cerâmica manual (Arruda, no prelo, Estampa 10). A ânfora já referida, por exemplo, permite pensar que os contactos de Lisboa com os fenícios ocidentais do “Círculo do Estreito” podem ter-se iniciado ainda durante o século VIII a.C.

O carácter orientalizante da ocupação sidérica de Lisboa tinha já sido demonstrado através das recolhas que Vergílio Correia efectuou, na primeira metade do século XX, na “Cresta da Sé” e na rua dos Douradores, apesar de o espólio proveniente dessas recolhas ter sido publicados apenas na década de 90 (Cardoso e Carreira, 1993; Cardoso, 1990, 1994). O conjunto compõe-se de cerâmica de engobe vermelho (prato de bordo largo), de ânforas, de *pithoi* e de cerâmica cinzenta.

Mais recentemente, as escavações na rua dos Correeiros (BCP) demonstraram que também a base da colina esteve ocupada durante a Idade do Ferro, tendo sido recolhido um numeroso espólio (AAVV, 1995), que infelizmente, permanece, na sua grande maioria, inédito. Também aqui se devem destacar as características orientalizantes dos materiais recuperados.

2. As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa

2.1. As formas

O conjunto da cerâmica cinzenta da Sé de Lisboa é composto por 238 fragmentos. As afinidades e dissemelhanças que apresentam, traduzindo ou não distintas funcionalidades, permitiram o estabelecimento de sete grandes grupos formais, a que chamámos tipos. Algumas particularidades verificadas ao nível morfológico, por serem relevantes, possibilitaram distinguir, em alguns desses tipos, determinadas variantes.

88,6% dos fragmentos foram integrados nos tipos definidos. No entanto, aproximadamente metade das peças estudadas apresentava escassa dimensão o que impediu a sua inclusão nas variantes estabelecidas, tendo apenas sido possível, nesses casos, a definição do tipo.

2.1.1. Tipo 1

Este tipo, que representa 29,83% do conjunto, corresponde morfológicamente a uma taça baixa, em calote de esfera, apesar de alguns exemplares deterem uma evidente tendência vertical na ligação da parede ao bordo.

Diferentes características ao nível da morfologia do bordo foram determinantes para o estabelecimento de três variantes dentro deste tipo. O estado de fragmentação de muitos exemplares apenas permitiu a integração nessas variantes de 11% do total dos fragmentos estudados.

- Tipo 1.A.: com bordo simples e sem espessamento, representa 3,78% da amostra total (Fig. 6, n.ºs 1-9).
- Tipo 1.B: possui bordo espessado internamente, podendo este espessamento ser mais ou menos marcado. Constitui 5,46% do total da amostra. (Fig. 7, n.ºs 1-8).
- Tipo 1.C: apresenta bordo com um ligeiro espessamento interno e externo e uma secção de tendência “almadrada”, estando representado por 2,1% do total dos exemplares. (Fig. 8, n.ºs 1-6).

2.1.2. Tipo 2

Fizemos corresponder ao tipo 2 um prato de bordo largo, horizontal e aplanado. Representa apenas 3% da amostra. As características gerais desta forma foram definidas não só através dos exemplares da Sé de Lisboa, onde aliás apenas um dos exemplares possui um perfil mais completo, mas também tendo em consideração outros, morfológica e tecnologicamente similares, e recuperados em contextos orientalizantes peninsulares. Assim, pode afirmar-se que neste tipo de prato a ligação do bordo à parede externa é marcada por uma concavidade, mais ou menos acentuada, e que a parede curvilínea e baixa define um corpo pouco profundo (Fig. 8, n.ºs 7-9).

Devemos realçar que dois dos exemplares estudados possuem uma perfuração no bordo realizada após cozedura, provavelmente relacionada com a suspensão deste recipiente.

As pequenas diferenças morfológicas detectadas neste tipo não justificaram a sua divisão em variantes, uma vez que as únicas dessemelhanças observadas se verificam ao nível de um maior ou menor aplanamento do bordo.

2.1.3. Tipo 3

O tipo 3 define uma taça de colo troncocónico e corpo de tendência globular, correspondendo a 47,47% da totalidade dos exemplares de cerâmica cinzenta. Deve, no entanto, referir-se que devido à reduzida dimensão dos fragmentos e à ausência de atributos identificáveis, apenas 15% dos exemplares foram possíveis de incluir nas variantes estabelecidas.

Os critérios utilizados para a definição de variantes dentro deste tipo incidiram sobre a morfologia do bordo e a altura e orientação do colo. Deste modo, estabelecemos três variantes:

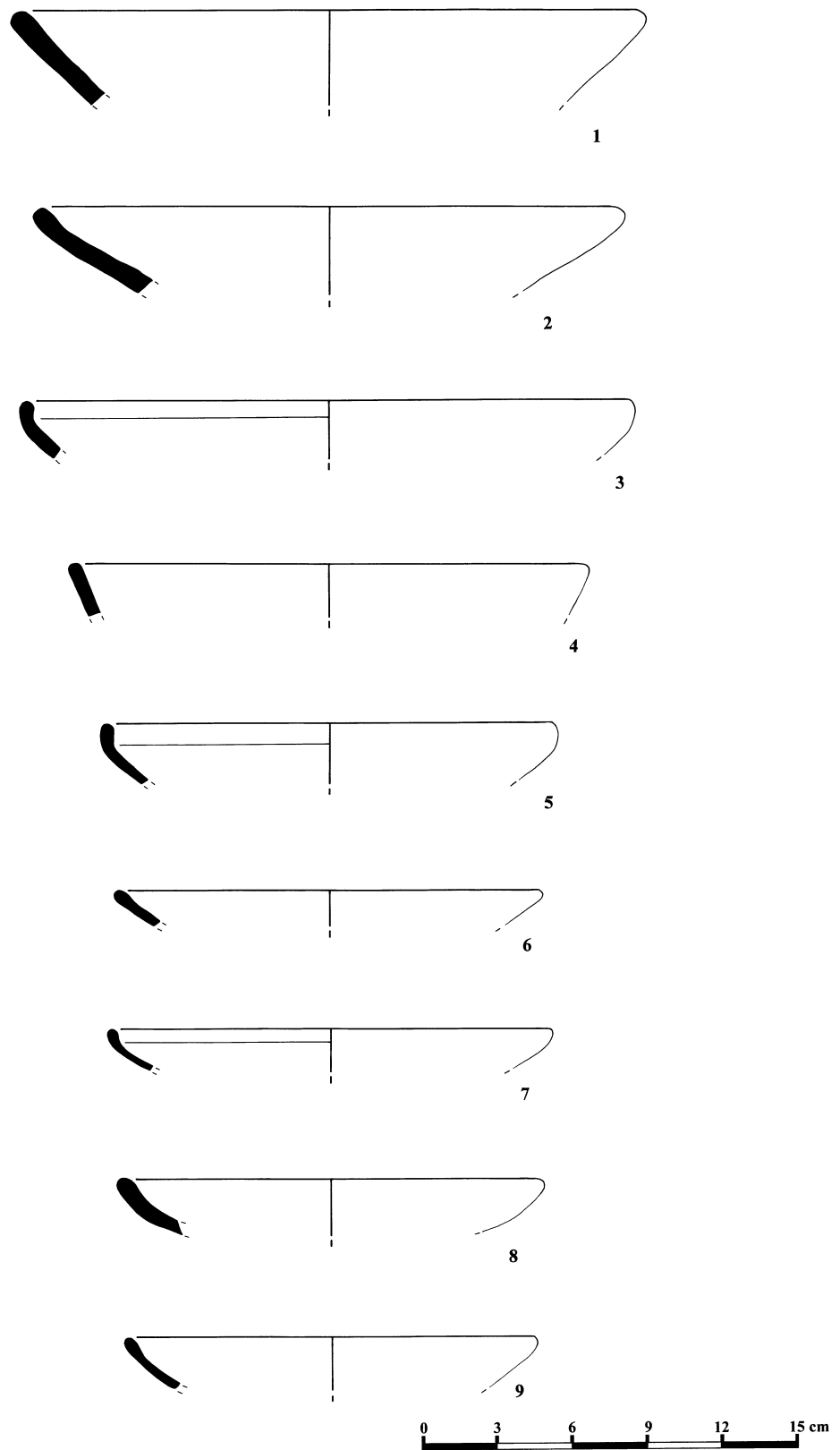


Fig 6 Cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. Tipo 1 A: n.ºs 1-9.

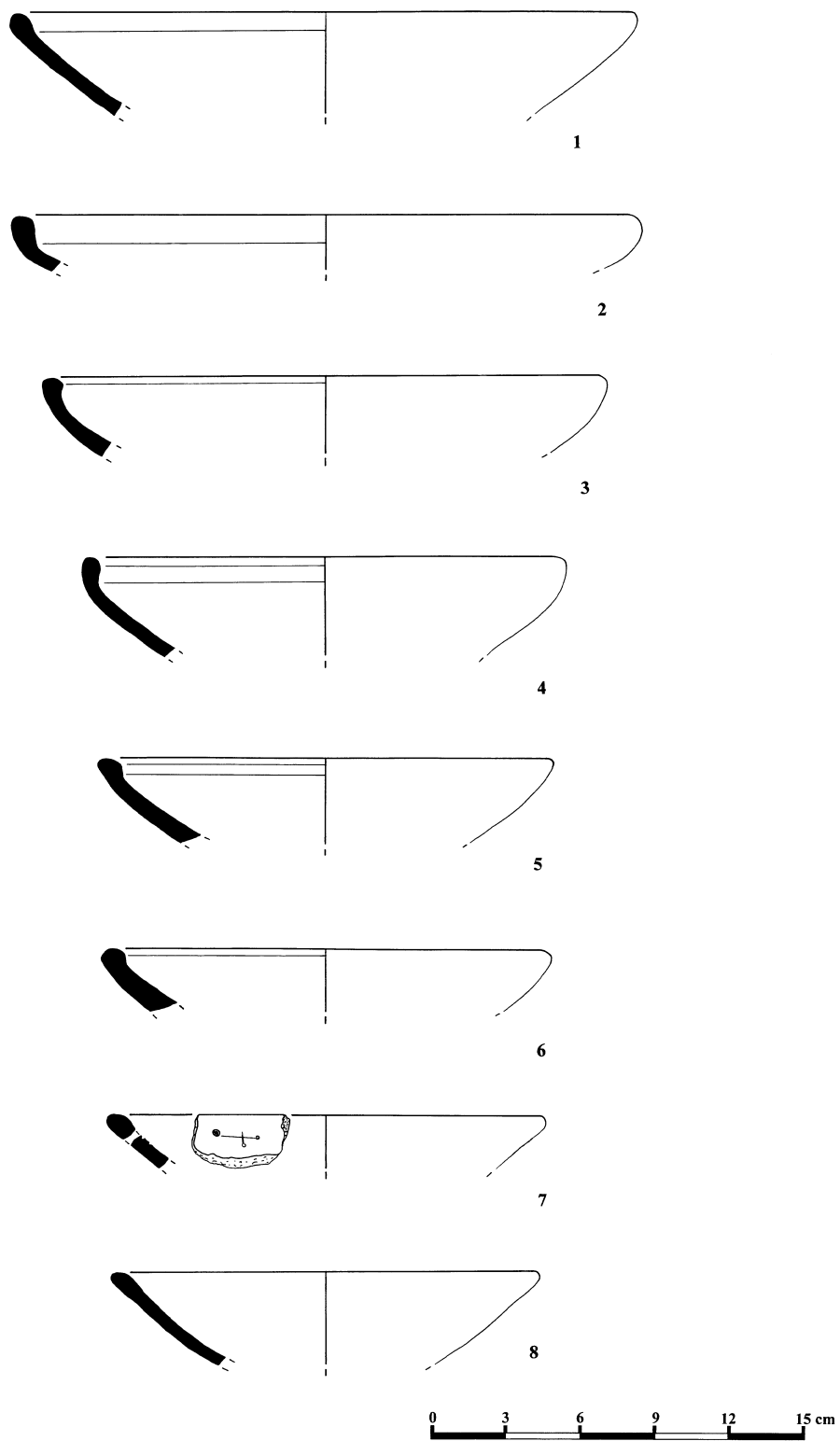


Fig 7 Cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. Tipo 1 B: n.ºs 1-8.

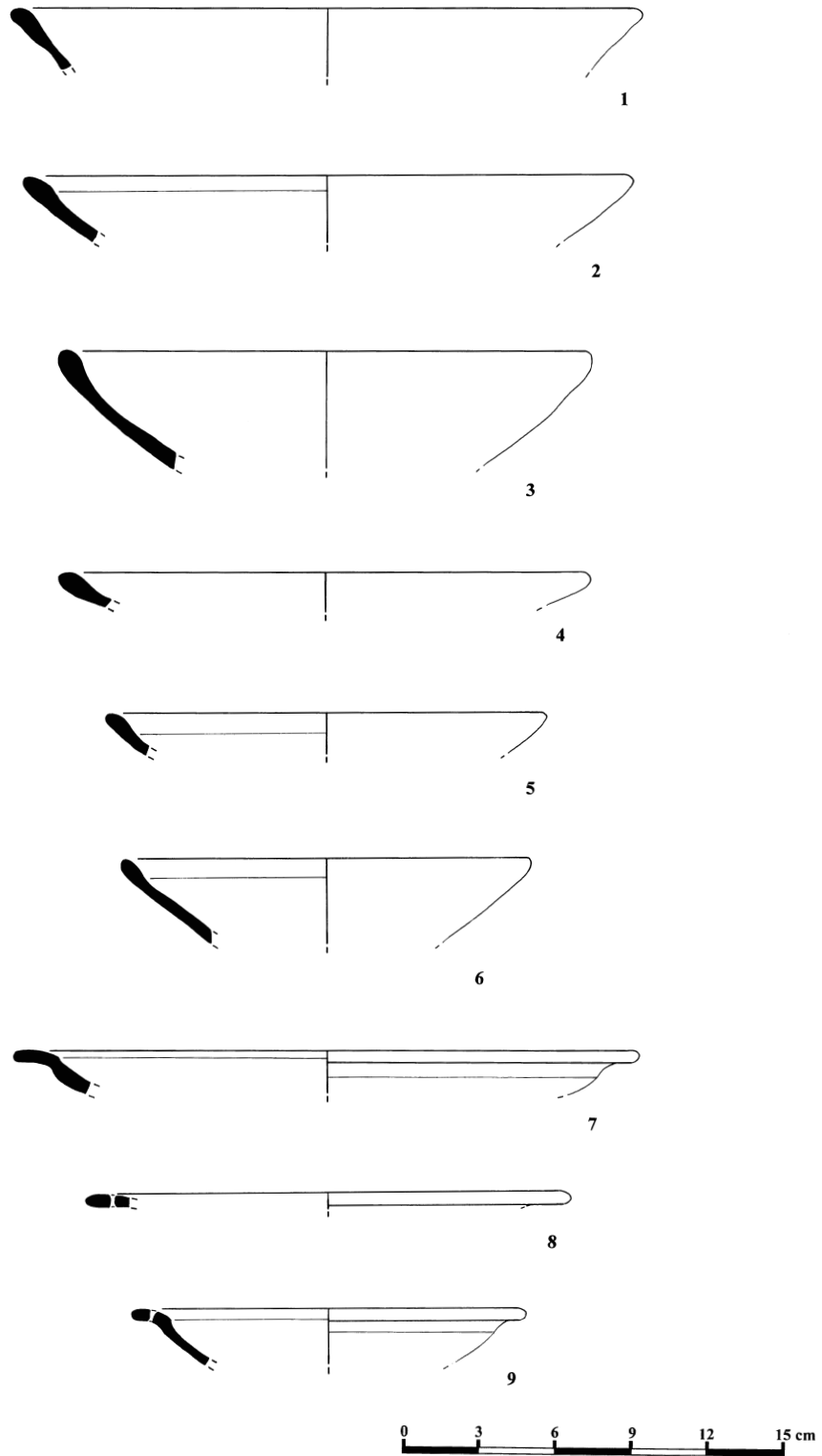


Fig 8 Cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. Tipo 1 C: n.ºs 1-6. ●Tipo 2: n.ºs 7-9.

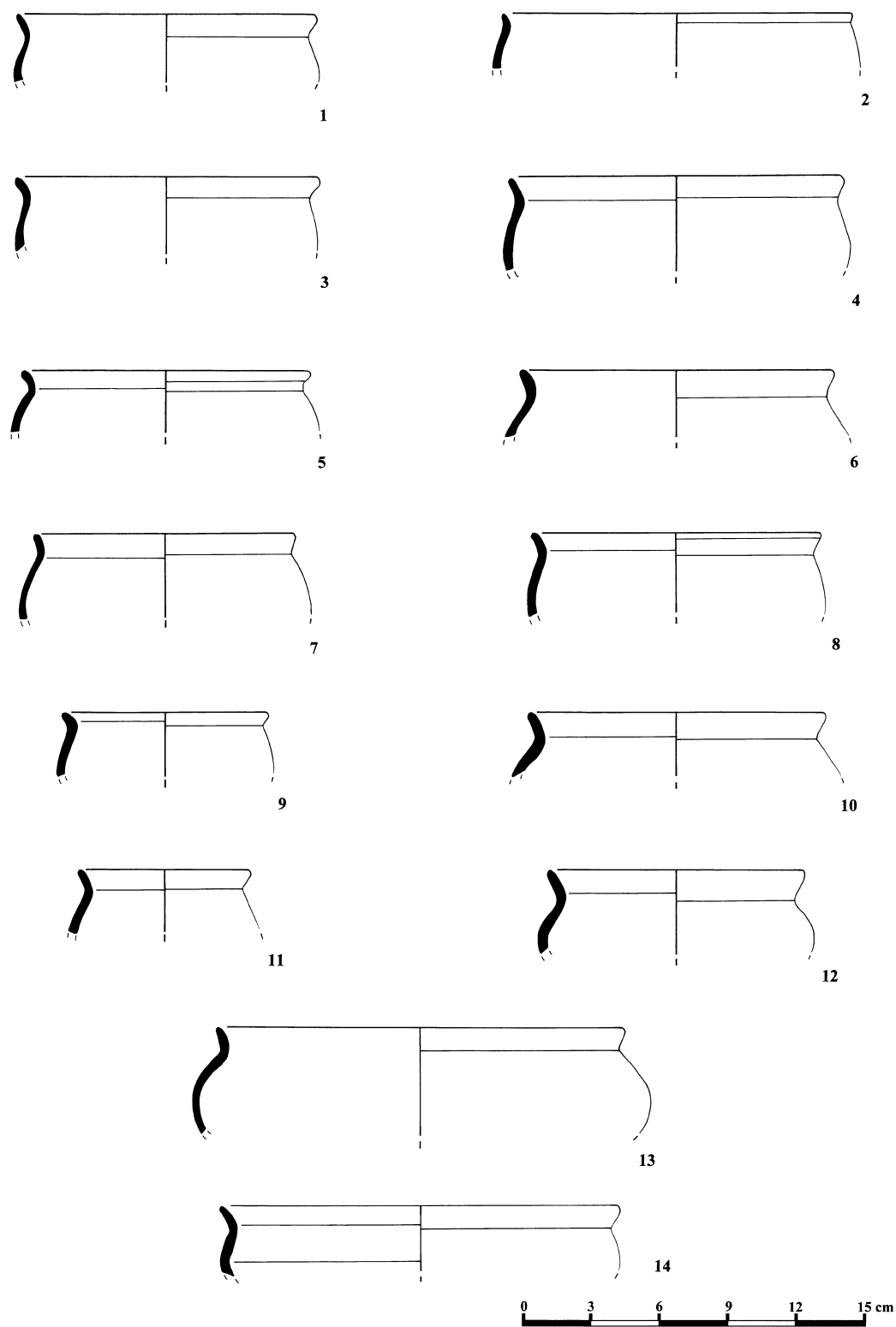


Fig 9 Cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa: Tipo 3 A: n.ºs 1-14.

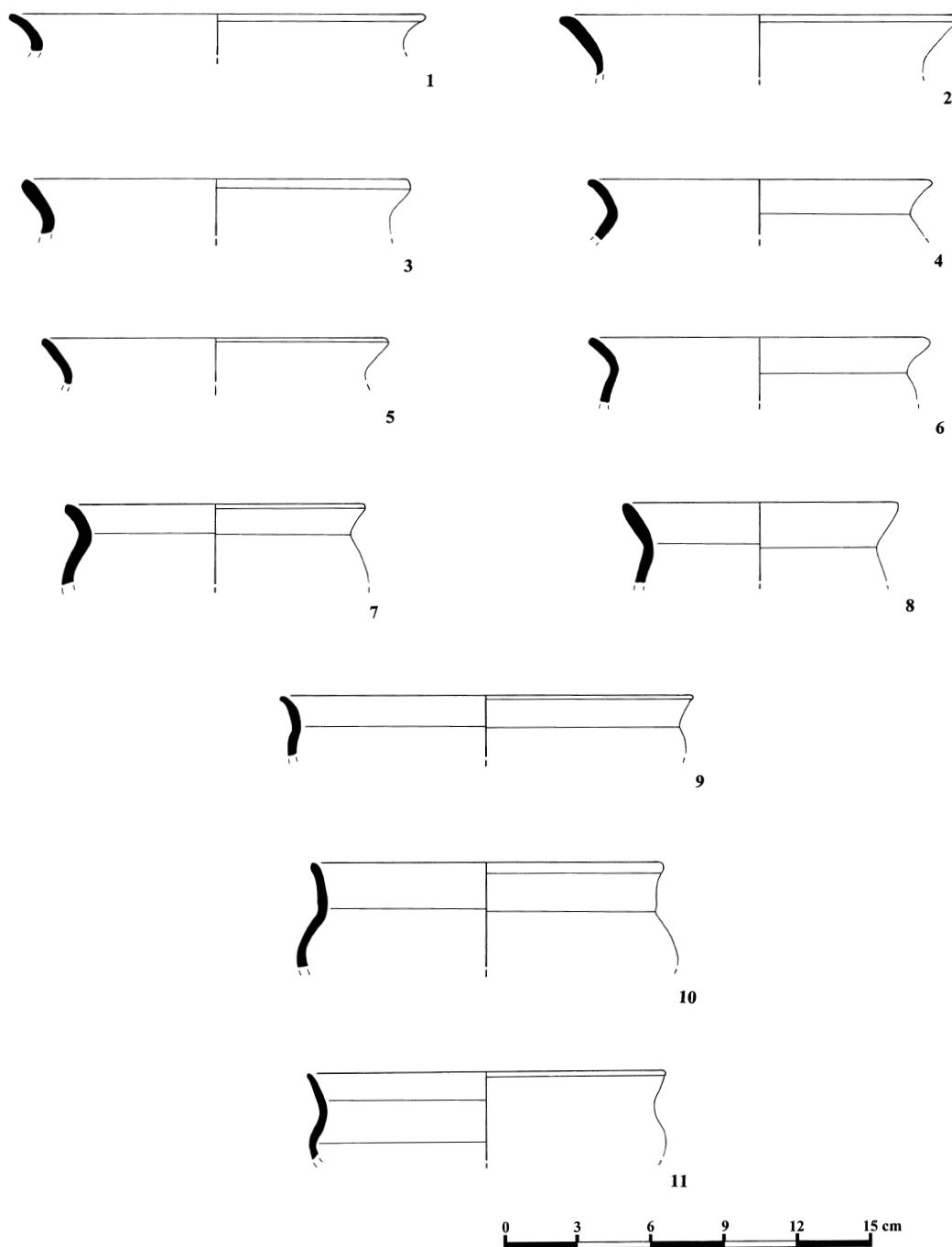


Fig 10 Cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. Tipo 3 B: n.ºs 1-8 • Tipo 3 C: n.ºs 9-11.

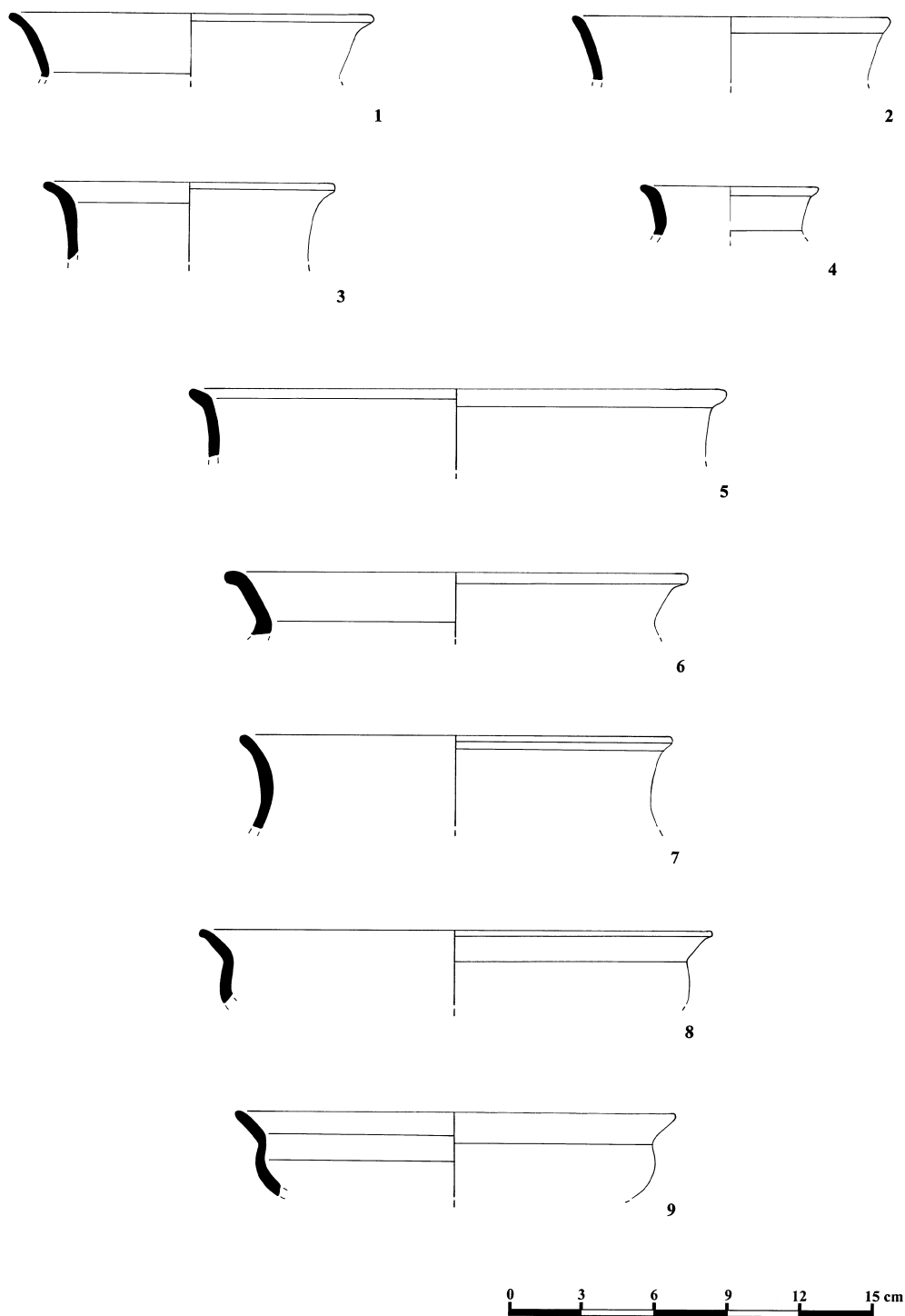


Fig 11 Cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. Tipo 4: n.ºs 1-7 • Tipo 5: n.ºs 8-9.

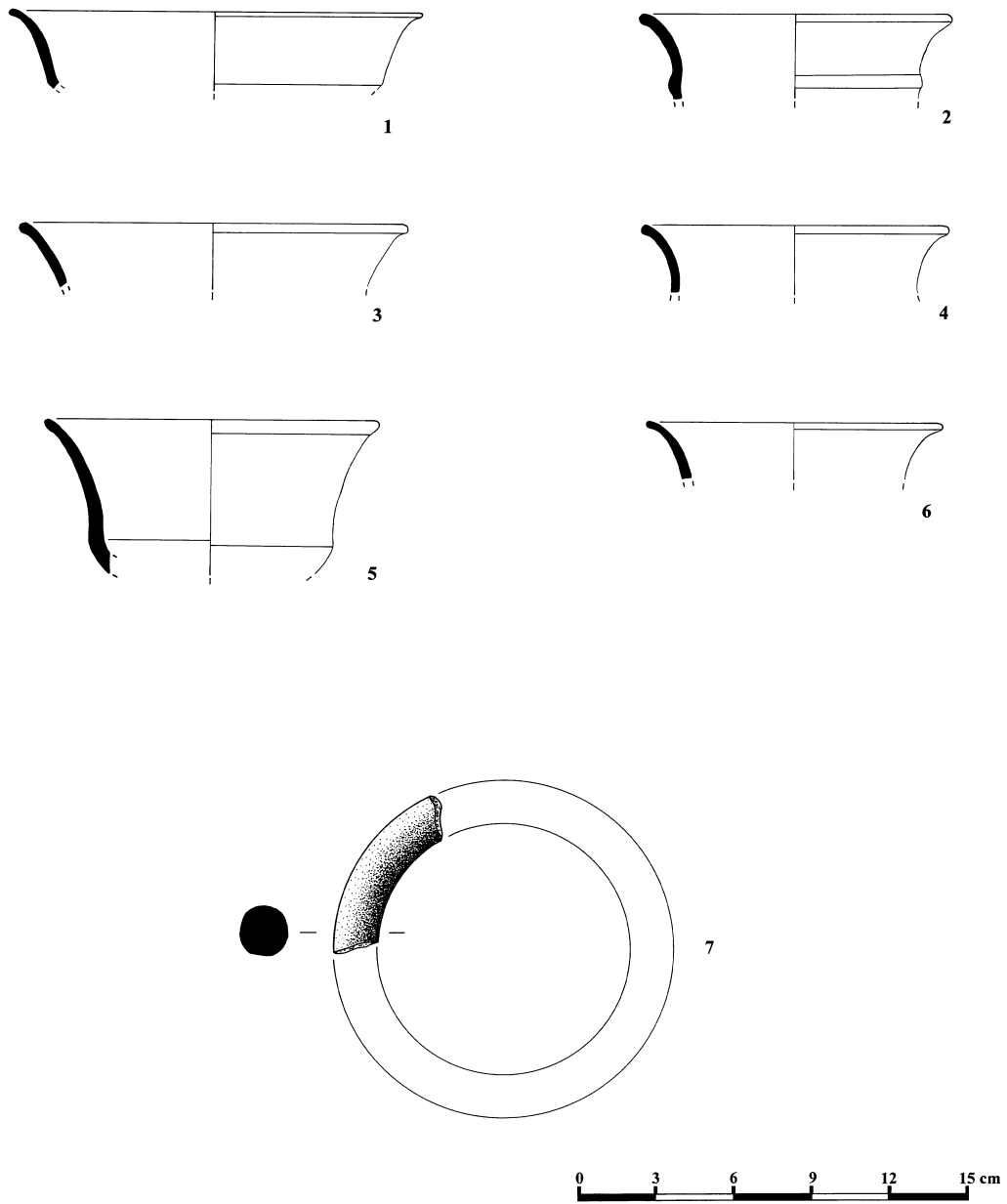


Fig 12 Cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. Tipo 6: n.ºs 1-6 • Tipo 7: n.º 7.

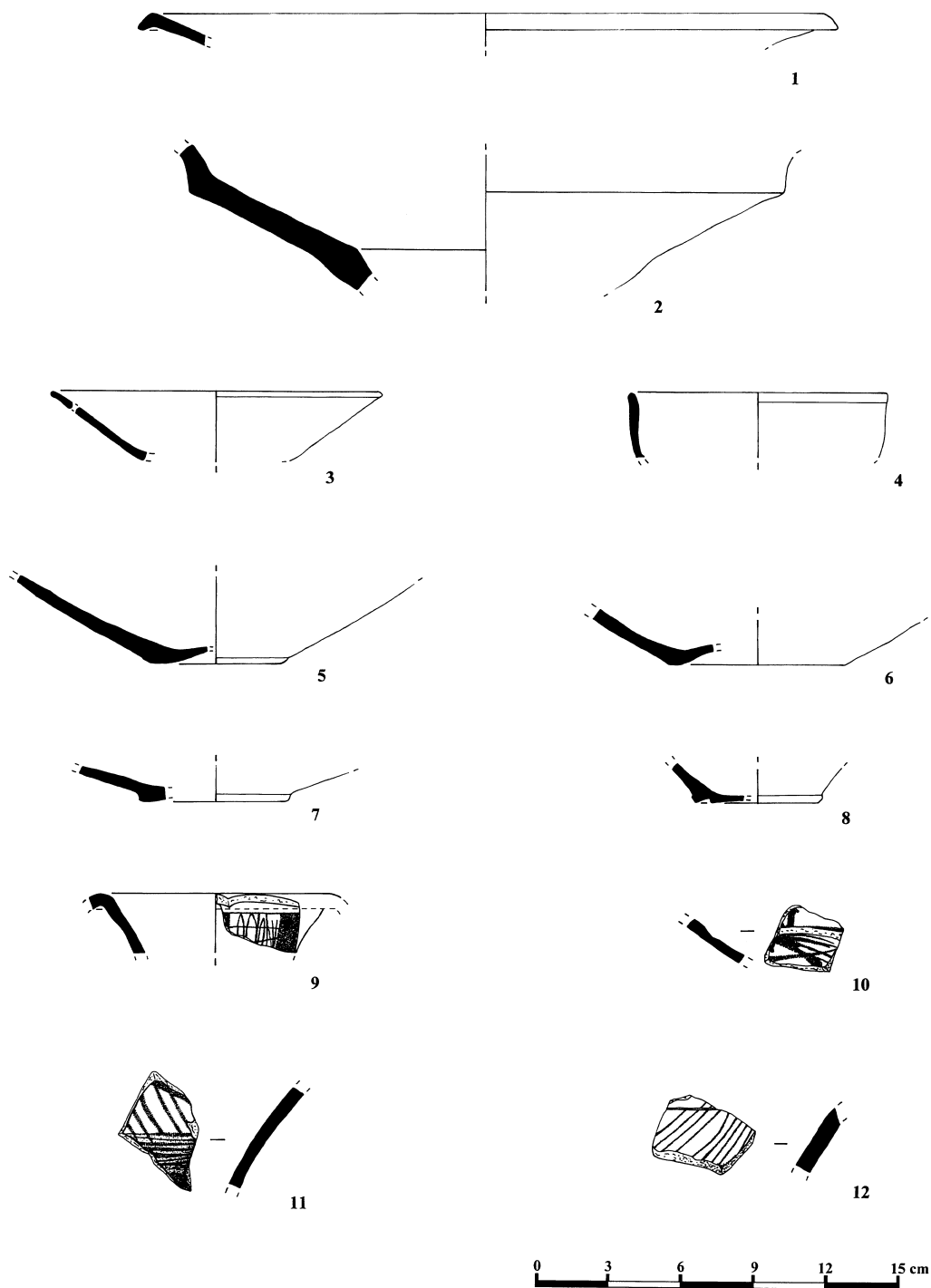


Fig 13 Cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. Outras formas: n.ºs 1-4 •Fundos: n.ºs 5-8 •Decoradas: n.ºs 9-12.

- O Tipo 3.A, que representa 6,3% da amostra total, possui bordo indiferenciado, colo curto, de paredes de tendência rectilínea, de perfil troncocónico e corpo globular achatado (Fig. 9, n.ºs 1-14);
- O Tipo 3.B caracteriza-se por um bordo indiferenciado, colo alto, de paredes de tendência rectilínea, de perfil troncocónico e corpo globular. Constitui 6,3% da amostra total (Fig. 10, n.ºs 1-8);
- O Tipo 3.C apresenta um bordo com ligeiro espessamento externo, colo alto, de paredes de tendência rectilínea, de perfil troncocónico e corpo globular achatado. Em relação às duas variantes anteriores, esta possui uma menor profundidade. Corresponde a 2,1% do total das cerâmicas cinzentas estudadas (Fig. 10, n.ºs 9-11).

2.1.4. Tipo 4

O tipo 4, correspondente a 3% dos materiais estudados, caracteriza-se por um bordo simples, ligeiramente esvasado em relação a um colo de perfil troncocónico, e de paredes rectilíneas. Nenhum exemplar estudado possuía perfil completo, mas a orientação das paredes e os materiais conhecidos em outros sítios, permitem supor que o corpo deste tipo de vaso seria de tendência globular (Fig. 11, n.ºs 1-7).

O reduzido número da amostra e as mínimas diferenças morfológicas observadas aconselharam a não distinguir variantes nesta forma.

2.1.5. Tipo 5

Este tipo apresenta um bordo simples, ou com um ligeiro espessamento externo, e um colo esvasado, separado do corpo por uma carena. O corpo seria de tendência semi-esférica. Esta forma, pouca profunda, corresponde a uma taça baixa (Fig. 11, n.ºs 8-9).

O facto de termos lidado com um número muito limitado de exemplares (0,84% da amostra total) não permitiu distinguir variantes, apesar de serem visíveis no bordo pequenas distinções morfológicas.

2.1.6. Tipo 6

O tipo 6 corresponde a uma taça alta, de bordo com um ligeiro espessamento externo e com uma carena marcando a ligação entre o corpo e o fundo. O corpo, de perfil troncocónico, está definido por paredes curvilíneas, acentuadamente côncavas. Um dos exemplares apresenta uma moldura na área mesial do corpo (Fig. 12, n.ºs 1-6).

Este tipo está representado por 2,52% da amostra total.

2.1.7. Tipo 7

Este tipo, representado por um único exemplar (0,42% do total da amostra), define-se, morfológicamente, como um anel cerâmico, maciço, de secção circular (Fig. 12, n.º 7). As carac-

terísticas formais que este e outros artefactos cerâmicos idênticos recolhidos em contextos orientalizantes apresentam sugerem que se trata de suportes, certamente destinados a dar estabilidade a recipientes de fundos convexos, o que justifica a sua denominação, mais geral, de suportes anulares.

2.1.8. Outras formas

Ao elaborarmos esta tipologia deparamo-nos com quatro exemplares (1,68% da totalidade da amostra) que, pelas suas características particulares, não se integravam em nenhum dos grupos tipológicos anteriores. Apesar de morfologicamente distintos, também entre si, não consideramos oportuno definir novas formas, tendo por base exemplares únicos.

Do prato n.º 8034 conserva-se apenas o bordo que apresenta uma secção triangular e pendente. O seu perfil lembra o dos pratos de peixe da forma 23 de Lamboglia, forma abundantemente produzida em cerâmica ática e campaniense. Não sendo completamente segura a relação formal, não podemos deixar de registar que este tipo de prato de peixe apresenta, preferencialmente, as superfícies de cor negra ou cinzenta escura, como é o caso das produções citadas ou ainda das que foram identificadas em Kouass ou Ibiza (Fig. 13, n.º 1).

Um outro fragmento (n.º 8032) corresponde provavelmente a uma taça de grandes dimensões, da qual, apenas, resta uma parede carenada (Fig. 13, n.º 2).

Os dois restantes exemplares são taças. Uma (n.º 161) apresenta paredes rectilíneas, muito oblíquas, com uma perfuração feita após a cozedura e um fundo aparentemente plano (Fig. 13, n.º 3). A outra (n.º 157) tem paredes curvilíneas, de tendência vertical, correspondendo a uma taça em calote (Fig.13, n.º 4).

2.1.9. Os fundos

Cerca de 5% dos fragmentos de cerâmica cinzenta correspondem a fundos, podendo adiantar-se, desde já, que é notória a escassa variabilidade formal. De facto, na grande maioria dos casos, trata-se de fundos apenas indicados, mais ou menos côncavos e sem pé. A ligação à parede externa é feita através de ressaltos ou caneluras, quase sempre pouco pronunciados. A largura das superfícies de apoio, ou mesmo a maior ou menor concavidade, não nos pareceram suficientemente relevantes para que fizesse sentido uma qualquer distinção tipológica (Fig.13, n.ºs 5-8).

No conjunto, destaca-se, contudo, um fragmento (n.º 205; Fig. 13, n.º 8) com pé baixo e anelar, de perfil quadrangular, separado da parede externa por uma ranhura. O fundo externo é plano-côncavo, estando separado da superfície interna do pé por um ressalto muito acentuado.

Todos os fundos de cerâmica cinzenta estudados parecem, todavia, pertencer a formas abertas, não se tendo conseguindo estabelecer uma ligação directa entre qualquer deles e os tipos de formas anteriormente descritas.

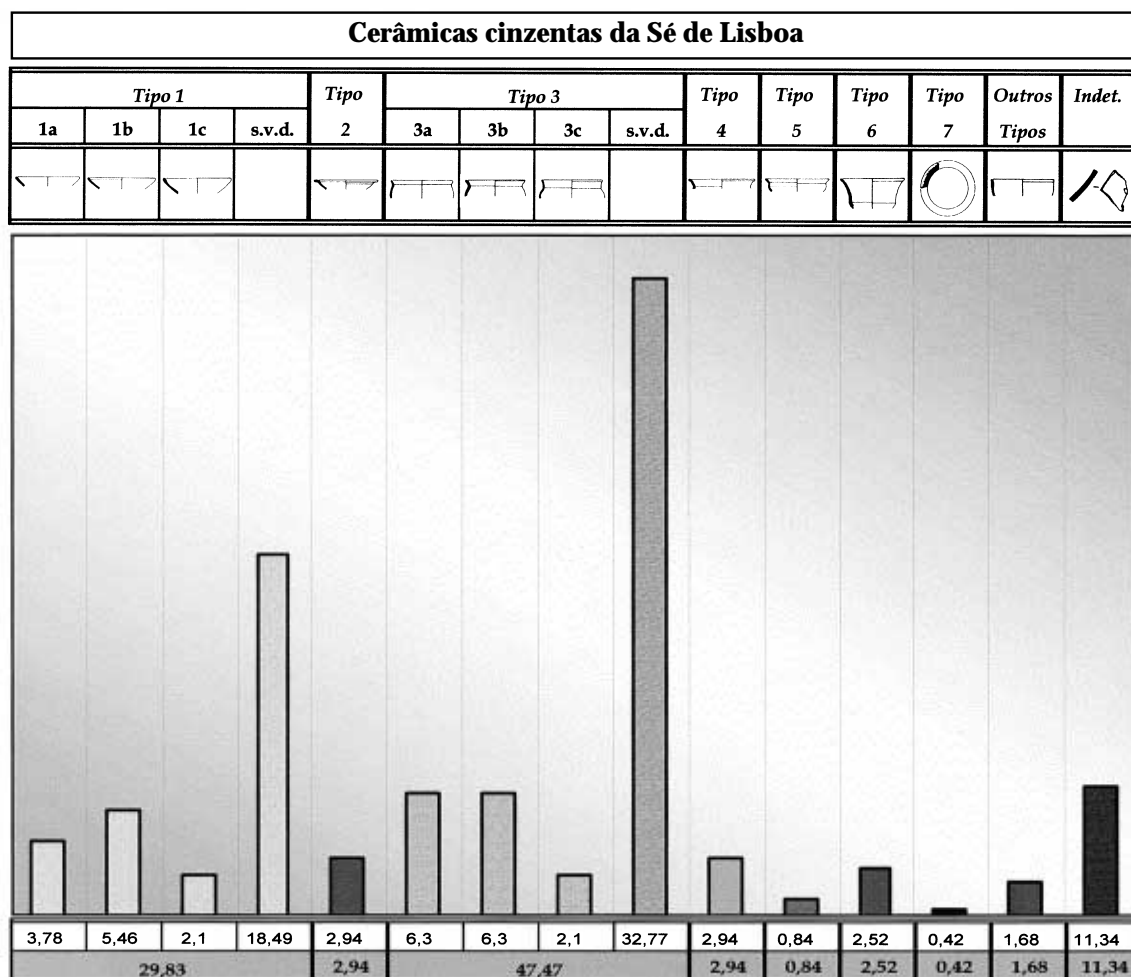


Gráfico 1 Percentagens dos tipos e variantes definidos para as cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa.

2.2. As características de fabrico.

A principal característica que diferencia o processo técnico de produção das cerâmicas cinzentas de outras produções comuns é a sua cozedura realizada em atmosfera redutora. Esta cozedura acontece a baixas temperaturas, principalmente entre 500 e 800° C, limitando-se a circulação do oxigénio e estando a atmosfera saturada de hidrogénio, monóxido de carbono e outros gases redutores (Pradell et al., 1995a, 1995b). O conjunto das reacções físico-químicas desencadeadas confere às peças a sua característica cor cinzenta. Esta varia conforme a temperatura obtida na cozedura, a quantidade e a qualidade dos combustíveis utilizados. As condições do forno, especificamente se este permite ou não limitar adequadamente a circulação do oxigénio, são também relevantes para obtenção da cor final.

No estudo específico das cerâmicas cinzentas da Sé Lisboa, não nos foi possível distinguir, através da análise macroscópica, diferentes grupos de fabrico. Apenas verificámos pequenas diferenças ao nível do tratamento e da cor das superfícies. No caso da cor, e tal como já referimos, estas diferenças estão relacionadas com as condições específicas da cozedura, podendo, ou não, resultar da prévia intenção do oleiro. A cor predominante neste conjunto é o cinzento escuro

(Munsell N/2.5; N/3; N/4), existindo, no entanto, um número apreciável de exemplares com as superfícies cinzentas claras (Munsell N/5 e N/6). Muito raramente, surgem fragmentos com as superfícies de cor cinzenta acastanhada (Munsell 10R 3/1 e 10R 2.5/1).

O tratamento mais comum das superfícies é o alisamento, aplicado tanto no interior como no exterior das peças. É também frequente o polimento, especialmente nas superfícies mais expostas de certos tipos, como é o caso da parede interna do tipo 1 e da superfície externa e área junto ao bordo da superfície interna do tipo 3.

Da aplicação destas técnicas resultaram superfícies homogêneas e de texturas suaves. Estas, para além de fornecerem um aspecto mais cuidado, também contribuem para uma melhor impermeabilização, o que permitiu uma melhoria das suas qualidades funcionais.

De uma forma geral, as pastas apresentam uma textura homogênea e um grau de dureza considerável. Em alguns exemplares, no entanto, a pasta apresenta uma estrutura laminar e estratificada. Quanto aos elementos não plásticos, estes variam em relação à sua dimensão, entre os muito finos e os finos/médios, distribuindo-se de uma forma regular, com uma granulometria irregular, por vezes boleada e com uma frequência média.

Nas pastas deste conjunto cerâmico observa-se uma presença constante de calcite e moscovite, às quais, por vezes, se associam quartzos e elementos ferruginosos e, muito pontualmente, biotite e feldspatos.

A análise das características de fabrico, das pastas e do tratamento das superfícies das cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa permitiu verificar a impossibilidade de estabelecer uma correspondência entre estas mesmas características e os tipos formais definidos. Existem, no entanto, algumas correlações que considerámos significativas. É o caso dos fragmentos do tipo 3, cujas superfícies evidenciam um tratamento muito mais cuidado que os pertencentes aos outros tipos, apresentando, na maioria dos casos, as superfícies polidas. De qualquer forma, estas diferenças qualitativas não possuem relevância suficiente para permitirem atribuir-lhes um qualquer significado concreto.

2.3. As decorações

O conjunto da cerâmica cinzenta da Sé de Lisboa apenas proporcionou quatro fragmentos decorados (Fig. 13, n.ºs 9-12). Em todos eles, foi utilizada a técnica do brunimento para traçar linhas e bandas de diversas espessuras e orientações, alternadas por áreas reservadas. O reduzido tamanho dos fragmentos não nos permite tirar conclusões claras sobre a composição geral destas decorações. Esta mesma circunstância impede a identificação das suas formas. Podemos, no entanto, afirmar que três dos fragmentos pertencem a formas fechadas, possivelmente globulares, e um dos casos (n.º 7374, Fig. 13, n.º 9) possui um colo de perfil troncocónico e, possivelmente, um bordo esvasado e pendente. O restante (n.º 7132, Fig. 13, n.º 10) trata-se de uma forma aberta, sendo este o único caso em que a decoração incide na superfície interna.

Na totalidade dos casos, as superfícies dos recipientes estão alisadas, reservando-se o polimento quando este surge, para a superfície não decorada.

2.4. Comentário final à cerâmica cinzenta fina da Sé de Lisboa

Apesar das particularidades de que se reveste, o conjunto da cerâmica cinzenta da Sé de Lisboa merece, ainda, algumas considerações finais.

Relativamente à morfologia, ressalta a limitada variedade formal, tendo-se apenas definido sete tipos. Destes, os mais frequentes são o 1 e o 3, que totalizam, em conjunto, 77% da amostra. Salientamos, ainda, que último tipo apresenta, como elemento característico, um maior cuidado no tratamento das superfícies.

A morfologia destas cerâmicas permite-nos supor a sua utilização no serviço de mesa. Em certos casos, é mesmo possível conjecturar quanto ao seu fim específico. Assim, é muito provável que os vasos do tipo 1 tenham sido usados no consumo de alimentos sólidos, enquanto que os incluídos no tipo 3 se destinariam a conter e consumir líquidos. Uma outra função perceptível é a do tipo 7. Corresponde a um suporte e serviria para fornecer estabilidade a recipientes de bases instáveis.

A escassez de exemplares de cerâmica cinzenta decorada e as suas próprias características, não permitem grandes considerações de tipo funcional ou outro. Apenas queremos destacar que a percentagem mínima deste grupo cerâmico na Sé de Lisboa, é concordante com o que sabemos de outros sítios peninsulares (Vallejo Sánchez, no prelo).

3. A cerâmica cinzenta fina polida da Sé de Lisboa no quadro das produções similares da Península Ibérica

A análise e a descrição pormenorizada efectuada no ponto anterior torna claro que o conjunto agora estudado não de distancia, no geral, do que se conhece em sítios similares do Ocidente da Península Ibérica.

Concretamente no actual território português, a cerâmica cinzenta fina polida surge sempre em ambientes directamente conectados com a presença e/ou comércio fenícios, sendo, por isso mesmo, evidente a sua concentração na orla costeira. Não surpreende pois que esta espécie cerâmica surja, em apreciáveis quantidades, na totalidade dos sítios mais ou menos orientizados dos estuários dos grandes rios portugueses e em áreas do Alentejo interior, onde a influência mediterrânea foi detectada, como por exemplo a região de Ourique.

Quanto à morfologia, parece relevante começar por recordar que o conjunto da Sé de Lisboa apresenta uma limitada variedade formal, situação que aliás parece comum nos restantes sítios portugueses. À semelhança do que se verifica no Castelo de Alcácer do Sal (Silva et al., 1980-81), estão representadas sete formas, parecendo importante lembrar que em Santarém se registaram nove (Arruda, no prelo), em Conímbriga dez (Alarcão, 1974; Correia, 1993) e em Santa Olaia seis (Rocha, 1908). Apenas Abul ofereceu um o número de formas de cerâmica cinzenta mais reduzido que o habitual, estando presentes apenas duas formas (Mayet e Silva, 1997).

Ainda do ponto de vista formal, deve destacar-se que nos conjuntos conhecidos a forma que domina é sempre o prato ou taça baixa em calote de esfera, que aqui foi designado por Tipo 1. Na Sé de Lisboa, representa 30% do total da amostra, devendo, contudo, ainda insistir-se na variabilidade observada ao nível dos perfis dos bordos.

Ao contrário do que maioritariamente se verifica nos outros sítios portugueses, a taça de bordo convexo e espessado internamente (Tipo 1, variante B) não domina no conjunto do nosso Tipo 1.

Está, porém, bem documentada em Santarém (Arruda, no prelo, Estampa 51; 54-56) e em Alcácer do Sal (Silva et al., 1980-81, p. 174, Fig., 14, n.ºs 24-27, 37, 38, 41-44, p. 177, Fig. 17, n.ºs 169,170), não existindo dados quantitativos que permitam concluir sobre a sua frequência

em Conímbriga (Alarcão, 1974: Estampa VIII, n.ºs 164, 165, 167, 169; Correia, 1993, p. 242, Fig. 7, n.ºs 2e 3), em Abul (Mayet e Silva, 1993, p. 137, Fig. 6, n.º 3) e no Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993, p. 97, Fig. 17, n.º 1). Esta variante específica está também presente em outros sítios do estuário do Tejo, nomeadamente em Moinhos da Atalaia (Pinto e Parreira, 1978, fig. 2, g, h) e em Santa Eufémia (Marques, 1982-3, p. 83, Fig. 21, j).

As restantes variantes do nosso Tipo 1 não são, todavia, desconhecidas nos restantes sítios portugueses, apesar de estarem quase sempre escassamente representadas. Por exemplo o Tipo 1C aproxima-se formalmente do que em Alcácer do Sal foi designado por "...prato de perfil em S, de bordo extrovertido e lábio largo..." (Silva et al., 1980-81, p. 179), sítio em que a forma é relativamente abundante (Silva et al., 1980-81, 174, Fig. 14, n.º 36). Estas taças estão também presentes na Alcáçova de Santarém (Arruda, no prelo, Estampa, n.º 56, n.º 4 e 21) e em Abul (Mayet e Silva, 1993, p. 137, Fig. 6, n.º 2).

Como já referimos, o tipo 1A da Sé de Lisboa está presente no Cerro da Rocha Branca (Gomes, 1993, p. 87, Fig. 10, n.º 1), em Castro Marim (Arruda, no prelo, Estampa 5, n.º 5 e Estampa 6, n.ºs 1 e 2), em Setúbal (Soares e Silva, 1986: p. 98, Fig. 7, n.ºs 13-16; p. 99, Fig. 8, n.º 13), em Alcácer do Sal (Silva et al. 1980-81, p. 174, Fig. 14, n.ºs 23, 28, 34, 39, 40; p. 177, Fig. 17, n.ºs 163 e 167), em Outorela (Cardoso, 1990, Fig. 14, n.º 1), nos Moinhos da Atalaia (Pinto e Parreira, 1978, Fig. 2, E e J) e na Alcáçova de Santarém (Arruda, no prelo, Estampa 51, n.ºs 1, 2 e 5; Estampa 52, n.ºs 1-7; Estampa 53, n.ºs 1-4 e 7; Estampa 54, n.ºs 2, 3, 5-13, 15, 17, 19-24; Estampa 55, n.ºs 2-4 e 7; Estampa 56, n.ºs 1, 2, 6, 7, 9-10, 13-16, 22, 29, 31, 32, 34 e 35).

Parece também importante notar, que a predominância das taças do Tipo 1 é particularmente acentuada nos níveis mais antigos das ocupações sidéricas de Santarém e de Alcácer, onde apenas nas camadas correspondentes às ocupações da segunda metade do I milénio a.C. é mais clara a diversidade formal.

O prato ou taça baixa de bordo reentrante e espessado é também muito abundante nas áreas meridionais do actual território espanhol, concretamente aquelas que foram tocadas pelo comércio fenício. Integra, por isso mesmo, as tipologias disponíveis relativas à Andaluzia: Belén Deamos, 1976 - Tipos I e II; Mancebo, 1994 - Tipo I A, B e C; Caro Bellido, 1986 - Forma 20; Vallejo Sánchez, 1999 - Forma 1. No Levante, González Prats (1983) reconheceu-a como Forma B 7, na Extremadura corresponde à Forma 1 de Lorrio (1988-89) e no Sudeste à Forma III. C. 1 e III.C.4 (Ros Sala, 1989). Na Meseta, a forma foi ainda reconhecida (Fernández Ochoa et al., 1994). Sabe-se que estes recipientes começaram a ser fabricados no litoral andaluz ainda no século VIII a.C., parecendo, no entanto, que foi no século VII a.C. que a forma se generalizou.

Os pratos de bordo largo, horizontal e aplanado foram agrupados no Tipo 2. Como se referiu no ponto anterior, estão representados no conjunto estudado por apenas 3% de fragmentos.

Sendo raros nos sítios orientalizantes portugueses, surgiram, no entanto, em Conímbriga (Alarcão, 1974, Estampa IX, n.ºs 175 A e 180). A sua abundância nos sítios do actual território espanhol (do Levante à Andaluzia, com extensões para a Extremadura) é, no entanto, de realçar, sendo claro que aí a forma surgiu tanto em ambientes indígenas como nos sítios conectados com a colonização fenícia. Neste contexto, não deve esquecer-se que esta forma (17 A de Caro Bellido, 1989, p. 140-145) reproduz, em cerâmica cinzenta, a forma dos pratos de engobe vermelho. Tal como o Tipo 1, é também óbvio que estes pratos se destinavam ao serviço de mesa, onde eram usados para conter e consumir alimentos sólidos.

Relativamente ao Tipo 3, deve dizer-se que é infrequente nos contextos sidéricos portugueses. A variante A tem, no entanto, evidentes afinidades formais com alguns exemplares de Conímbriga (Alarcão, 1974, Estampa X, n.º 225; Correia, 1993, p. 242, Fig. n.º 7) e de Santa Eufé-

mia (Marques, 1982-83, p. 81, Fig. 20, d). Também na Alcáçova de Santarém se recolheram pequenos recipientes que, morfologicamente, se assemelham aos recuperados na Sé de Lisboa e que aí foram integrados na forma 4 (Arruda, no prelo, Estampa 57, n.º 2). Quanto à função desempenhada, pode apenas sugerir-se que teriam sido usados, também, no serviço de mesa.

Foi ainda Conímbriga que ofereceu os melhores paralelos para a variante B do nosso Tipo 3. De facto, parecem ser evidentes as afinidades destas taças de *Olisipo* com as que Alarcão e Correia publicaram (Alarcão, 1974, Estampa XI, n.ºs 227, 227a, 228 e 229; Correia, 1993, p. 242, Fig. 7, n.ºs 11 e 13). A forma está também presente no Castelo de Alcácer do Sal, parecendo-nos que o recipiente n.º 166 da Figura 17 (Silva et al., 1980-81, p. 171) se integra neste Tipo 3 B.

Apesar de, na Sé de Lisboa, não estar disponível qualquer perfil completo para os vasos que agrupámos no Tipo 4, pensamos que não é improvável que se possam assimilar, do ponto de vista formal, a alguns recolhidos em Conímbriga, concretamente aos n.ºs 244, 245, 247, 266 e 269 (Alarcão, 1974, Estampas XII e XII). Alguns dos recipientes de cerâmica cinzenta de Moinhos da Atalaia, Amadora (Pinto e Parreira, 1978, Fig. 2, b e c) poderão também corresponder a esta forma, que não parece ser frequente no território actualmente português.

As taças baixas integradas no Tipo 5 são ainda mais raras nos contextos orientalizantes portugueses. Apenas Conímbriga ofereceu vasos que apresentam evidentes similitudes com os recolhidos na Sé de Lisboa (Alarcão, 1974, Estampa X, n.ºs 222 A e 223). Contudo, tal como em Lisboa, a sua presença parece ser apenas residual.

Mais problemática foi a integração do Tipo 6 no contexto sidérico português, parecendo que, até ao momento, ela é exclusiva do sítio do estuário do Tejo.

Os tipos 3 a 6 de Lisboa são, como vimos infrequentes no actual território português, situação que parece poder estender-se a toda a Península Ibérica. Havendo formas similares no Levante (González Prats, 1983) e na Meseta (Fernández Ochoa et al., 1994), não nos parece evidente uma qualquer correlação exacta.

Também raros no território peninsular são os suportes que foram integrados no Tipo 7. Em Lisboa, estão representados por 2 exemplares, o que corresponde a 0,42% do conjunto da cerâmica cinzenta. Os rolos maciços, de secção circular, que identificámos como suportes destinavam-se, certamente, a dar estabilidade a recipientes de fundos convexos, e a sua ausência nos inventários peninsulares talvez se deva ao facto de serem facilmente confundíveis com asas de rolo.

Em Santarém, os suportes recolhidos são maciços ou ocós, mas ambas as variantes apresentam secção circular (Arruda, no prelo, Estampa 60 n.ºs 1 e 3), existindo um exemplar que, apesar de maciço, apresentava secção romboidal (Arruda, no prelo, Estampa 60 n.º 2). Os suportes de Santa Olaia são, na totalidade, ocós e de secção romboidal (Rocha, 1908), sendo de referir que em Conímbriga esta variante do nosso Tipo 7 está igualmente documentada, apesar de aqui não corresponder a cerâmica cinzenta. Trata-se de um suporte de cozedura oxidante com decoração pintada (Alarcão et al., 1976).

No actual território espanhol, a forma, não sendo abundante não é, no entanto, desconhecida, por exemplo, na Andaluzia. Corresponde ao Tipo 1 de Caro Bellido (1986) e ao tipo 25 de Vallejo Sánchez (1999).

A cerâmica decorada está, como já dissemos, escassamente representada sobre o sítio. Deve contudo destacar-se que a decoração incidiu, maioritariamente, sobre as superfícies externas dos vasos, e que estes integram, muito provavelmente, formas fechadas. Os esquemas e tipos decorativos presentes remetem para uma cronologia relativamente tardia, tendo bons paralelos em Conímbriga nos níveis correspondentes à chamada II Idade do Ferro (Arruda, 1997).

Seria impensável não fazer referência, neste trabalho, aos resultados que as análises químicas efectuadas sobre fragmentos de cerâmica cinzenta recolhidos em Conímbriga, Santa Olaia, Crasto de Tavadre e Lisboa (recolhas de Vergílio Correia na Crasta da Sé) proporcionaram (Cabral et al., 1983, 1986). Em primeiro lugar, importa referir que as análises efectuadas permitiram aos autores que as interpretaram (Cabral et al., 1983, 1986; Alarcão e Correia, 1994) concluir que Conímbriga, Santa Olaia e Lisboa produziram as suas próprias cerâmicas. Mais interessante é, no entanto, ter-se verificado que os dois primeiros sítios trocaram entre si este tipo de vasos e que ambos abasteceram deste produto o Crasto de Tavadre, onde não parece ter existido produção local. Ainda segundo os resultados das análises químicas, as trocas extravasaram da região do Baixo Mondego e atingiram Lisboa, onde parece terem sido registados fragmentos cuja produção pode ser imputada a Santa Olaia (Cabral et al., 1983, 1986; Alarcão e Correia, 1994). Estes resultados não podem deixar de causar alguma perplexidade, uma vez que é, efectivamente, problemático admitir que produtos fácil e abundantemente produzidos possam ter sido alvo de um qualquer processo comercial ocorrido entre os estuários do Tejo e do Mondego. Independentemente de considerarmos muito possível a existência de um comércio regional de cerâmicas, que poderia incluir aquelas que agora nos importam, e de admitirmos como provável a existência de centros oleiros a abastecer vários centros de consumo, temos dificuldade em interpretar à luz do comércio a presença, em Lisboa, de uma ínfima percentagem de vasos produzidos no Baixo Mondego, e em Santa Olaia um escasso número de exemplares fabricados em *Olisipo*.

4. Discussão

Pouco mais há ainda a discutir sobre as cerâmicas cinzentas recolhidas durante as escavações do Claustro da Sé de Lisboa.

Gostaríamos, no entanto, de referir que o conjunto apresenta características que sugerem uma ocupação relativamente tardia, no contexto da Idade do Ferro orientalizante peninsular. As formas, os esquemas e tipos decorativos e ainda a moldura na parede de um dos vasos (Fig. 12: n.º 6) apontam para uma cronologia tradicional do século VI a.C., mais concretamente da sua segunda metade. O facto de desconhecermos se a amostra objecto de análise tem a necessária homogeneidade crono-estratigráfica não permite perceber devidamente a presença de alguns dos tipos representados (1 e 2), cuja produção iniciada ainda durante o século VII a.C., se prolongou, pelo menos, até ao século VI a. C.

Ainda no que se refere à cronologia, alguns elementos permitem considerar que a cerâmica cinzenta continuou a ser fabricada e utilizada em Lisboa durante a segunda metade do século V a. C., não sendo impossível que essa produção tenha atingido o pleno século IV a.C. O bordo do prato n.º 8034 (Fig. 13, n.º 1) e o fundo n.º 205 (Fig. 13, n.º 8) valorizam esta nossa observação.

Redundante é com certeza constatar, uma vez mais, que a cerâmica cinzenta se insere num contexto sidérico orientalizante, não parecendo ser este o lugar para discutir, extensamente, qual o significado exacto destas produções de cozedura redutora no âmbito do mundo fenício ocidental. No entanto, parece importante insistir que, entre século VIII e o VI a. C., uma ampla área do Sul da Península Ibérica produziu cerâmicas cinzentas formal e tecnologicamente similares. Os dados do Levante (González Prats, 1983), do Sudeste (Ros Sala, 1989), da Andaluzia (Rísquez Cuenca, 1993; Caro Bellido, 1989; Mancebo Dávalos, 1994; Murillo, 1994; Vallejo Sánchez, 1998, 1999), da Meseta Sul (Fernández Ochoa et al., 1994), da Extremadura espanhola (Lorrio Alvarado, 1988-89) e de Portugal (Arruda, no prelo) permitem, de facto, falar de uma produção rela-

tivamente homogénea. Essa homogeneidade, evidenciada pela presença, em todas as regiões citadas, dos nossos Tipos 1, 2 e 7, não significa, porém, que a morfologia de algumas vasos de cerâmica cinzenta não definam áreas com características produtivas eminentemente regionais.

A homogeneidade referida pode considerar-se consequência directa do contacto do Sul peninsular com os fenícios ocidentais instalados na área do Estreito de Gibraltar, no início do I milénio a.C. A utilização do torno e a inserção de novas formas no serviço de mesa foram certamente resultado desses contactos, sendo defensável que o novo repertório formal pode significar a aquisição de novos hábitos alimentares e sociais, aquisição essa também decorrente daqueles contactos.

Das análises químicas realizadas sobre cerâmicas cinzentas do actual território português pode concluir-se que esta espécie cerâmica foi produzida local ou pelo menos regionalmente, seguindo, no entanto, padrões formais e tecnológicos que abrangem uma muito vasta área, concretamente todo o Sul peninsular. Também no Sul da actual Espanha, já foi evidenciada esta mesma situação, tendo ficado provada a produção local de cerâmicas cinzentas na Campiña Mar-molejo (Molinos Molinos et al., 1990) e em Cerro del Mar (Barceló et al., 1995).

Apesar de, como já dissemos, algumas formas estarem generalizadas e de essa generalização deixar transparecer uma relativa homogeneidade, a diversidade formal é também clara. Se do ponto de vista tecnológico não se vislumbram diferenças significativas entre as diversas áreas produtivas, já do ponto de vista formal os dados revelam uma diversidade que não pode deixar de ser aqui mencionada. Parece, pois, talvez relevante referir que mais do que uma qualquer inspiração em modelos formais de tradição local, que poderíamos fazer remontar ao Bronze Final, as distintas formas traduzem, preferencialmente realidades culturais próprias e diversas. Se parece evidente que a presença de colonos fenícios no Ocidente peninsular contribuiu para a generalização, em extensas áreas, de técnicas oleiras e de hábitos de consumo, que conduziram à partilha de vasos similares ao nível tecnológico e formal, é também certo que as regiões tocadas pela colonização e/ou comércio fenícios representam realidades culturais diversas e distintas entre si que não se compadecem com um qualquer processo de “globalização”.

Nº Inv.	Frag	Tipo	Superficies							
			Externa				Interna			
			Homog	Cor	Textura	Tratam.	Homog	Cor	Textura	Tratam.
55(?)	Bordo	1	Homog.	Cinz. acastanhado	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
109	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
117	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
125	Bordo	1	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
127	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
129	Bordo	1	Homog.	Cinz. muito claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. muito claro	Suave	
131	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
150	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
189	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
194	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
820(?)	Bordo	1	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Polida
2409	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
2412	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
2829	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
2834	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
2837	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
2838	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
2839	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
2844	Bordo	1	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Polida
2846	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
2935	Bordo	1	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Polida
4626	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
4868	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
4991	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
5064	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
5065	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
5068	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
5325	Bordo	1	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
5473	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
5594	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7012	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7014	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7130	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7346	Bordo	1	Homog.	Cinz. acastanhado	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7376	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7394	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7398	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7624	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7771	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7855	Bordo	1	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
7952	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
8245	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
8453	Bordo	1	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
104	Bordo	1.A	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
134	Bordo	1.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
146	Bordo	1.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
151	Bordo	1.A	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
5080		1.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
8208	Bordo	1.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
111	Bordo	1.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
124	Bordo	1.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
638	Bordo	1.B	Homog.	Cinz. acastanhado	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. acastanhado	Áspera	
3442	Bordo	1.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	
3445	Bordo	1.B	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
4466	Bordo	1.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. acastanhado	Suave	Alisada
4714	Bordo	1.B	Homog.	Cinz. acastanhado	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. acastanhado	Suave	Alisada
4860	Bordo	1.B	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
6990	Bordo	1.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7018	Bordo	1.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7369	Bordo	1.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
8042	Bordo	1.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave		Homog.	Cinz. ecura	Suave	Alisada
8389	Bordo	1.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
100	Bordo	1.C	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
121	Bordo	1.C	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada

<i>Pasta</i>								<i>Cozedura</i>
<i>Cor</i>	<i>Estrutura</i>	<i>Dureza</i>	<i>E.N.P.</i>	<i>Dimensão</i>	<i>Freq.</i>	<i>Granulom.</i>	<i>Distrib.</i>	
5 YR 6/6	Estratificada	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Mosc., Cal.	Fino	Baixa	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Estratificada	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 7/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
10 YR 6/2	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 6/1	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Estratificada	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
10 Y 5/2	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
10 YR 6/2	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Qrtz.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Estratificada	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
10 Y 5/1	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
10 YR 4/1	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 YR 5/4	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Qrtz.	Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr., Qrtz.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5yr 5/4	Estratificada	Branda	Qrtz., Cal.	Muito fino	Baixa	Boleado	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 5/2	Estratificada	Dura	Cal., Mosc., Qrtz., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
10 YR 5/1	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Feld.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 YR 4/2	Estratificada	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5yr 5/4	Estratificada	Dura	Cal., El. Ferr., Mosc.	Fino/Médio	Média	Boleado	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 6/2	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 YR 5/4	Estratificada	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 5/3	Estratificada	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
10Y 6/1	Homogénea	Dura	Mosc., Cal.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 YR 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 6/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 YR 6/2	Estratificada	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 YR 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 5/4	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 6/	Estratificada	Dura	Cal., Mosc., Qrtz., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 YR 5/4	Estratificada	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr., Qrtz.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 6/	Homogénea	Branda	Mosc., Cal., Qrtz.	Muito fino	Baixa	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Muito fino	Baixa	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Homogénea	Branda	Mosc., Qrtz., Cal.	Muito fino	Baixa	Boleado	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Mosc., Cal., Qrtz.	Fino	Média	Anguloso	Reg.	Red.
7.5yr 5/4	Homogénea	Dura	Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Anguloso	Reg.	Red. Parcial
10YR 5/1	Homogénea	Branda	Qrtz., Mosc., Cal.	Muito fino	Baixa	Anguloso	Reg.	Red. Parcial
N 5/	Estratificada	Dura	Mosc., Cal., Qrtz.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Homogénea	Dura	Mosc.	Fino	Média	Anguloso	Reg.	Red.
N 6/	Homogénea	Dura	Mosc., Cal.	Fino/Médio	Média	Anguloso	Reg.	Red.
7.5yr 4/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Anguloso	Reg.	Red.
N 7/	Homogénea	Dura	Mosc., Qrtz., Cal.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5yr 5/3	Homogénea	Dura	Cal., El. Ferr., Mosc.	Fino/Médio	Média	Boleado	Reg.	Red. Parcial
7.5yr 5/4	Estratificada	Branda	Mosc., Cal., Qrtz.	Muito fino	Baixa	Anguloso	Reg.	Red. Parcial
7.5yr 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Qrtz., Mosc.	Fino / grande	Média	Boleado	Reg.	Red. Parcial
10Y 5/1	Homogénea	Branda	Cal., Qrtz., Mosc.	Muito fino	Baixa	Irregular	Reg.	Red.
7.5yr 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino	Média	Boleado	Reg.	Red. Parcial
7.5yr 5/4	Estratificada	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5yr 5/2	Homogénea	Dura	Mosc.	Fino	Média	Anguloso	Reg.	Red.
7.5yr 6/4	Homogénea	Dura	Mosc., Qrtz., El. Ferr., Cal.	Fino/Médio	Alta	Anguloso	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 5/4	Estratificada	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5yr 5/3	Homogénea	Branda	Qrtz., Cal., Mosc.	Muito fino	Baixa	Boleado	Reg.	Red. Parcial

Nº Inv.	Frag	Tipo	Superficies							
			Externa				Interna			
			Homog	Cor	Textura	Tratam.	Homog	Cor	Textura	Tratam.
2563	Bordo	1.C	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7652	Bordo	1.C	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
8035	Bordo	1.C	Homog.	Cinz. escuro	Áspera	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
120	Bordo	2	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
126	Bordo	2	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
4927	Lábio	2	Homog.	Cinz. acastanhado	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. acastanhado	Áspera	Alisada
5478	Bordo	2	Homog.	Cinz. acastanhado	Suave	Polida	Homog.	Cinz. acastanhado	Suave	Polida
5777	Bordo	2	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7621	Bordo	2	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
?	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
102	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
103	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
107	Bordo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
N110	Bordo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
113	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
114	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Áspera	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
115	Bordo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
122	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	acastanhado	Suave	Alisada
130	Bordo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
136	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
138	Bordo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
143	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
145	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
147	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
156	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
156	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
158	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
160	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
163	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
165	Bordo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	castanho claro	Suave	Alisada
188	Bordo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
190	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
192	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave		Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
193	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
195	Bordo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
196	Bojo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
197	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
198	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
2407	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
2408	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
2410	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
2411	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
2436	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
2437	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
2466	Bordo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. claro	Suave	Polida
2467	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
2562	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
2827	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
2828	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
2830	Bordo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
2831	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
2832	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
2833	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
2835	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
2840	Bordo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
2842	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
2843	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
2845	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
4863	Bordo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
4965	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
4973	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
5066	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
5206	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Brunida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
5599	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida

<i>Pasta</i>								<i>Cozedura</i>
<i>Cor</i>	<i>Estrutura</i>	<i>Dureza</i>	<i>E.N.P.</i>	<i>Dimensão</i>	<i>Freq.</i>	<i>Granulom.</i>	<i>Distrib.</i>	
N 6/	Homogénea	Dura	Mosc., Ortz., Cal.	Muito fino	Baixa	Boleado	Reg.	Red.
7.5yr 5/1	Homogénea	Dura	Cal., El. Ferr., Mosc.	Fino/Médio	Baixa	Boleado	Reg.	Red.
7.5yr 5/4	Estratificada	Dura	Mosc., Cal., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Anguloso	Reg.	Red. Parcial
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
10yr 3/2	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz., El. Ferr.	Fino/Médio	Alta	Irregular	Reg.	Red.
10yr 3/2	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz., El. Ferr.	Fino/Médio	Alta	Irregular	Reg.	Red.
7.5yr 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Homogénea	Dura	Mosc., Ortz., Cal.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Mosc., Cal.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Estratificada	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 YR 5/4	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5yr 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Homogénea	Branda	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Estratificada	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 YR 6/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 6/	Estratificada	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 6/	Estratificada	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Mosc., Cal., Ortz.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5yr 5/3	Estratificada	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 7/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Estratificada	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 YR 6.2	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Mosc., Cal.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	IrReg.	Red.
N 4/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Estratificada	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5yr 5/4	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
5yr 5/6	Estratificada	Branda	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 6/	Estratificada	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5yr 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.

Nº Inv.	Frag	Tipo	Superficies							
			Externa				Interna			
			Homog	Cor	Textura	Tratam.	Homog	Cor	Textura	Tratam.
5916	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
6518	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
6530	Bordo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. acastanhado	Suave	Polida
6546	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
6992	Bojo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7020	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7287	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7358	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7378	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7390	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7400	Bordo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Polida
7422	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7430	Bordo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
7619	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7690	Bordo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. claro rosado	Suave	Alisada
7811	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7853	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7881	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7883	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Brunida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Brunida junto ao bordo
7941	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7948	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
8031	Bojo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
8062	Bordo	3	Homog.	Cinz. claro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
8391	Bojo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
8676	Bordo	3	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
101	Bordo	3.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
112	Bordo	3.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
137	Bordo	3.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
142	Bordo	3.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
144	Bordo	3.A	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Polida
148	Bordo	3.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
149	Bordo	3.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
154	Bordo	3.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
155	Bordo	3.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida / alisada
166	Bordo	3.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
187	Bordo	3.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida / alisada
209	Bordo	3.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
654	Bordo	3.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida / alisada
2931	Bordo	3.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. acastanhado	Suave	Alisada
7851	Bordo	3.A	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
108	Bordo	3.B	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
116	Bordo	3.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
159	Bordo	3.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
164	Bordo	3.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
2841	Bordo	3.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
4468	Bordo	3.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
4713	Bordo	3.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave		Homog.	castanho claro	Suave	Engobe/Aguada ?
7017	Bordo	3.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7349	Bordo	3.B	Homog.	Cinz. acastanhado	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7350	Bordo	3.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7423	Bordo	3.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7950	Bordo	3.B?	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
8664	Bordo	3.B	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
3215	Bordo	3.B/3.C	Homog.	Cinz. escuro alaranjado	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
118	Bordo	3.C	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
135	Bordo	3.C	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Áspera	Alisada
141	Bordo	3.C	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
4870	Bordo	3.C	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
119	Bordo	4	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
4470	Bordo	4	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7361	Bordo	4	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7388	Bordo	4	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada

<i>Pasta</i>								<i>Cozedura</i>
<i>Cor</i>	<i>Estrutura</i>	<i>Dureza</i>	<i>E.N.P.</i>	<i>Dimensão</i>	<i>Freq.</i>	<i>Granulom.</i>	<i>Distrib.</i>	
10Y 6/1	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 YR 5/4	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 5/4	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Estratificada	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 YR 5/4	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 6/4	Estratificada	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 6/	Estratificada	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
10 Y 5/1	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 YR 5/4	Homogénea	Dura	Ortz., Moscovite, El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 6/1	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 5/4	Homogénea	Dura	Ortz., Cal., El. Ferr., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
10 yr 4/4	Grosseira	Dura	Cal., Mosc., Ortz., El. Ferr.	Médio	Alta	Irregular	Reg.	Red. Parcial
10 Y 5/1	Homogénea	Dura	Ortz., Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 YR 5/4	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Feld., Ortz.	Fino/Médio	Alta	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 5/3	Estratificada	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Ortz., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 YR 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 6/2	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 6/	Estratificada	Dura	Cal., Moscovite	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
10 YR 6/1	Estratificada	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Muito fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 6/	Estratificada	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 yr 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 7/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 7/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Muito fino	Baixa	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz.	Fino	Média			Red.
7.5 yr 5/4	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 4/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 yr 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 yr 5/3	Estratificada	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Ortz., Mosc.	Muito fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 yr 5/3	Homogénea	Dura	Mosc., Cal., El. Ferr.	Muito fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 yr 5/4	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 6/	Homogénea	Dura	Mosc., Cal.	Muito fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 yr 5/4	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 6/	Homogénea	Dura	Mosc., Cal.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 4/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
p1 3f 1es	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 yr 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 yr 5/4	Homogénea	Dura	Ortz., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 yr 5/4	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El. Ferr.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 yr 5/4	Estratificada	Dura	Cal., Mosc.	Muito fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.

Nº Inv.	Frag	Tipo	Superficies							
			Externa				Interna			
			Homog	Cor	Textura	Tratam.	Homog	Cor	Textura	Tratam.
7433	Bordo	4	Homog.	Cinz. claro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. claro	Suave	Polida
7715	Bordo	4	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
8028	Bordo	4	Homog.	Cinz. claro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
2836	Bordo	4	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
106	Bordo	5	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
140	Bordo	5	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
133	Bordo	6	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
152	Bordo	6	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
153	Bordo	6	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
4627	Bordo	6	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
4866	Bordo	6	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7353	Bordo	6	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7421	P.Comp.	7	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada				
4861	Fundo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polid
7807	Fundo	Ind.	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7949	Fundo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
5520	Fundo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	castanho	Suave	espatulada
7442	Fundo	Ind.	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
207	Fundo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
4689	Fundo	Ind.	Homog.	Laranja claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
5211	Fundo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
5483	Fundo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
205	Fundo	Ind.	Homog.	Cinz. claro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
?	Bojo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
162	Bordo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
199	Bojo	Ind.	Homog.	Cinz. escuros	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
2413	Bordo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
2847	Bordo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
4313	Bojo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
5776	Bordo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida
7125	Bojo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7132	Bojo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. acastanhado	Suave	Alisada
7374	Bojo	Ind.	Homog.	Cinz. acastanhado	Suave	Alisada	Homog.	castanha	Suave	Polida
7387	Bordo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
7860	Bojo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. acastanhado	Áspera	
8061	Bordo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
8393	Bordo	Ind.	Homog.	Cinz. escuro	Suave		Homog.	Cinz. escuro	Suave	
157	Bordo	Outros	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Alisada
161	Bordo	Outros	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
8032	Carena	Outros	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada	Homog.	Cinz. claro	Suave	Alisada
8034	Bordo	Outros	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida	Homog.	Cinz. escuro	Suave	Polida

Pasta**Cozedura**

Cor	Estrutura	Dureza	E.N.P.	Dimensão	Freq.	Granulom.	Distrib.	
7.5yr 5/3	Homogénea	Muito Dura	Cal., Mosc., El.Ferr.	Muito fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
5yr 5/6	Homogénea	Muito Dura	Mosc., Cal., El.Ferr.	Muito fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El.Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Ortz., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Mosc., Cal.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Mosc., Cal.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Estratificada	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Estratificada	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5yr 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Muito fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5yr 6/2	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El.Ferr.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
10 YR 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El.Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 5/4	Homogénea	Dura	Cal., El.Ferr., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 5/1	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5YR 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
10 YR 5/1	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Feld.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El.Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
10 YR 6/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz., El.Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
10 YR 5/2	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El.Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 YR 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El.Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5yr 5/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., El.Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
N 5/	Estratificada	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
10y 6/1	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz., El.Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 5/	Homogénea	Dura	Mosc., Cal.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
10 yr 6/1	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz., El.Ferr.	Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5yr 5/4	Grosseira	Dura	Cal., Mosc., Ortz.	Fino/Médio	Alta	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5 YR 5/2	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
10 yr 6/1	Homogénea	Dura	Cal., Ortz.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5yr 6/3	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz., El.Ferr.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5yr 5/4	Estratificada	Dura	Ortz., El.Ferr., Mosc.	Fino	Média	Boleado	Reg.	Red. Parcial
10 yr 4/2	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz.	Fino/Médio	Alta	Irregular	Reg.	Red.
7.5yr 6/1	Estratificada	Dura	Cal., El.Ferr.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5yr 5/1	Homogénea	Dura	Mosc., Cal.	Fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 4/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc., Ortz.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red.
N 6/	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Muito fino	Média	Irregular	Reg.	Red.
7.5 YR 6/4	Homogénea	Dura	Cal., Mosc.	Fino/Médio	Média	Irregular	Reg.	Red. Parcial
7.5yr 5/2	Estratificada	Dura	Mosc., El.Ferr., Cal.	Fino	Baixa	Boleado	Reg.	Red. Parcial

NOTAS

- ¹ Os autores agradecem ao dr. Clementino Amaro o ter disponibilizado toda a documentação referente aos trabalhos de campo.
- ² Investigadora da Uniarq. Centro de Arqueologia. Faculdade de Letras. 1600-214 Lisboa Portugal. a.m.arruda@mail.doc.fl.ul.pt
- ³ Colaboradora da Uniarq. Centro de Arqueologia. Faculdade de Letras. 1600-214 Lisboa Portugal.
- ⁴ Bolseiro do F.P.I.-M.E.C., Área de Prehistoria, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Cádiz. Avda Gómez Ulla, E-11003 Cádiz. juan.vallejo@uca.es.
- ⁵ As datas citadas neste trabalho referem-se a cronologias tradicionais ou históricas, a não ser quando expressamente se indica que se trata de datações radiométricas.

BIBLIOGRAFIA

- AAVV (1994a) - *Lisboa subterrânea*. Lisboa : IPM.
- AAVV (1994b) - *Idade do Ferro. Catálogo*. Figueira da Foz: Câmara Municipal da Figueira da Foz.
- AAVV (1995) - *Núcleo arqueológico da Rua dos Correios*. Lisboa: Fundação Banco Comercial Português.
- ALARCÃO, A.; CORREIA, V. H. (1994) - Cerâmicas comuns da Idade do Ferro de Conímbriga. In *Idade do Ferro. Catálogo*. Figueira da Foz: Museu Municipal Dr. Santos Rocha, p. 99-102.
- ALARCÃO, J.; DELGADO, M.; MAYET, F.; ALARCÃO, A. M.; PONTE, S. (1976) - *Céramiques diverses et verres*. In Fouilles de Conimbriga, VI. Paris: De Boccard.
- ALARCÃO, J. (1974) - *Cerâmica comum local e regional de Conimbriga*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra.
- AMARO, C. (1993) - Vestígios materiais orientalizantes do Claustro da Sé de Lisboa. *Estudos Orientais* (Actas do Colóquio "Os fenícios no território Português", 1992). Lisboa. IV, p. 183-192.
- ARRUDA, A. M. (1993) - A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. *Estudos Orientais* (Actas do Colóquio "Os fenícios no território Português", 1992). Lisboa. IV, p. 193-214.
- ARRUDA, A. M. (1997) - Conimbriga: Fouilles de 1988-89. 2. Les travaux sur le forum. In Étienne, R.; Mayet, F., eds. - *Itinéraires lusitaniens*. Paris: Diffusion de Boccard, p. 13-33.
- ARRUDA, A. M. (no prelo) - *Fenícios e mundo indígena no Centro e Sul de Portugal (séc. VIII-VI a.C.)*. Em torno às histórias possíveis.
- BARCELÓ, J.; DELGADO, A.; FERNÁNDEZ, A.; PÁRRAGA, M. (1995) - El área de producción alfarera de Cerro del Villar (Guadalhorce, Málaga). *Rivista di Studi Fenici*. Roma. 23:2, p. 147-182.
- BARROS, L. (1998) - *Introdução à Pré e Proto-História de Almada*. Almada: Câmara Municipal.
- BARROS, L.; CARDOSO, J. L.; SABROSA, A. (1993) - Fenícios na margem sul do Tejo- Economia e integração cultural no povoado do Almaraz - Almada. *Estudos Orientais* (Actas do Colóquio " Os fenícios no território Português", 1992). Lisboa. IV, p. 143-181.
- BARROS, L.; ESPÍRITO SANTO, P. (1997) - Gruta artificial de São Paulo. *Setúbal Arqueológica* (I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste - Homenagem a Georges Zbyszewski). Setúbal. 11-12, p. 217-220.
- BELÉN DEAMOS, M. (1976) - Estudio y tipología de la cerámica gris de Huelva. *Revista de Archivos, Bibliotecas y Museos*. Madrid. 79, p. 353-388.
- CABRAL, J. M. P.; GOUVEIA, M. A.; ALARCÃO, A. M.; ALARCÃO, J. (1983) - Neutron activation analysis of fine gray pottery from Conimbriga, Santa Olaia and Tavadre, Portugal. *Journal of Archaeological Science*. London. 10, p. 5-21.
- CABRAL, J. M. P.; WAERENBORGH, J. C.; FIGUEIREDO, M. O.; MATIAS, P. H. M. (1986) - Contribuição para o estudo da cerâmica cinzenta fina de Conímbriga e de Santa Olaia por Espectroscopia Mössbauer e difracção de raios X. *Conimbriga*. Coimbra. 25, p. 5-21.
- CAETANO, J. C. (no prelo) - Fechos e placas de cinturão proto-históricas encontrados em Portugal (devemos à amabilidade do autor a consulta deste texto, antes de sua publicação).
- CARDOSO, G.; ENCARNACÃO, J. (no prelo) - Notas sobre a ocupação proto-histórica na villa romana de Freiria. In *Actas do Congresso sobre a Idade do Ferro no Noroeste*. (devemos à amabilidade dos autores a consulta deste texto, antes de sua publicação).
- CARDOSO, J. L. (1990) - A presença Oriental no povoamento da Idade do Ferro na região ribeirinha do estuário do Tejo. *Estudos Orientais* (Actas do Encontro Presenças Orientalizantes em Portugal. Da Pré-História ao Período Romano). Lisboa. I, p. 119-133.
- CARDOSO, J. L. (1994) - Lisboa. Do paleolítico ao Romano. Investigação arqueológica na área de Lisboa: os últimos 10 anos. *Al-madan*. Almada. 3, p. 59-74.

- CARDOSO, J. L.; CARREIRA, J. R. (1993) - Le Bronze Final et le début de l'âge du Fer dans la région de l'estuaire du Tage. *Mediterrâneo* (Actas do Congrès Méditerranéen d'Ethnologie Historique). Lisboa: Instituto Mediterrâneo. 2, p. 193-205.
- CARO BELLIDO, A. (1986) - *La cerámica gris a torno orientalizante de Andalucía*. Cádiz: Universidad.
- CARO BELLIDO, A. (1989) - *Cerámica gris a torno tartésia*. Cádiz.
- CORREIA, V. H. (1993) - Os materiais pré-romanos de Conímbriga e a presença fenícia no Baixo Mondego. *Estudos Orientais* (Actas do Colóquio "Os Fenícios no território Português", 1992). Lisboa. 4, p. 229-283.
- DAVEAU, S. (1994) - A Foz do Tejo palco da História de Lisboa. In *Lisboa subterrânea*. Lisboa: IPM, p.24-31.
- FERNÁNDEZ OCHOA, C.; ZARZALEJOS, M.; HEVIA, P.; ESTEBAN, G. (1994) - *Sisapo I: Excavaciones Arqueológicas en "La Bienvenida", Almodóvar del Campo (Ciudad Real)*. Toledo.
- GOMES, M. V. (1993) - O estabelecimento fenício-púnico do Cerro da Rocha Branca (Silves). *Estudos Orientais* (Actas do Colóquio "Os Fenícios no território português", 1992). Lisboa. 4, p. 73-107.
- GONZÁLEZ PRATS, A. (1983) - *Estudio arqueológico del poblamiento antiguo de la Sierra de Crevillente (Alicante)*. Lucentum (Anejo). Alicante: Universidad.
- LORRIO ALVARADO, A. J. (1988-89) - Cerámica gris orientalizante de la necrópolis de Medellín (Badajoz). *Zephyrus*. Salamanca. 41-42, p. 283-314.
- MANCEBO DÁVALOS, J. (1994) - Las cerâmicas grises a torno orientalizantes de la cuenca baja del Guadalquivir. In CAMPOS CARRASCO, J. M. [et al.], eds. - *Arqueología en el entorno del Bajo Guadiana. Actas del Encuentro Internacional de Arqueología del Sudoeste (Huelva, Niebla, 1993)*. Huelva, p. 351-373.
- MARQUES, G. (1982-83) - Aspectos da Proto-História do território português. II- Povoado de Santa Eufémia (Sintra). *Sintria*. Sintra. 1-2, p. 59-87.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. da (1993) - A presença fenícia no Baixo Sado. *Estudos Orientais* (Actas do Colóquio "Os Fenícios no território português", 1992). Lisboa. IV, p. 127-142.
- MAYET, F.; SILVA, C. T. da (1997) - L'établissement phénicien d'Abul (Alcácer do Sal). In ÉTIENNE, R.; MAYET, F., eds. - *Itinéraires lusitaniens*. Paris: Diffusion de Boccard, p. 255-271.
- MOLINOS MOLINOS, M.; SERRANO, J. L.; COBA, B. (1990) - Excavaciones arqueológicas en el asentamiento de "La Campiña". Marmolejo, Jaén. In *Anuario Arqueológico de Andalucía, 1988, III Actividades de Urgencia*. Sevilla, p. 197-203.
- MURILLO, J. F. (1994) - La cultura tartésica en el valle medio del Guadalquivir. *Ariadna*. Córdoba. 13-14.
- PEREIRA, I. (1993) - Figueira da Foz. Santa Olaia. *Estudos Orientais* (Actas do Colóquio "Os Fenícios no território português", 1992). Lisboa. 4, p. 285-304.
- PEREIRA, I. (1997) - Santa Olaia et le commerce atlantique. In Étienne, R.; Mayet, F., eds. - *Itinéraires lusitaniens*. Paris: Diffusion de Boccard, p. 209-253.
- PINTO, C. V.; PARREIRA, R. (1978) - Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro inicial a Norte do estuário do Tejo. In *Actas das III Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses (1977)*. Lisboa: Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 147-163.
- PRADELL, T.; MARTÍN, M. A.; GARCÍA-VALLÉS, M.; VENDRELL-SAZ, M. (1995a) - Attribution of "painted Iberian" and "monochrome gray Greek" ceramics of the 6th, century B.C. to a local production of Ullastret (Catalonia). In VENDRELL-SAZ, M., PRADELL, T., MOLERA, J., GARCÍA, M., eds. - *Estudis sobre ceràmica antiga: Actes del Simposi sobre Ceràmica Antiga (Barcelona, 1993)*. Barcelona, p. 23-27.
- PRADELL, T.; MOLERA, J.; GARCÍA-VALLES, M.; VENDRELL-SAZ, M. (1995b) - Study and characterization of ceramics fired under reducing conditions. In VENDRELL-SAZ, M., PRADELL, T.; MOLERA, J.; GARCÍA, M., eds. - *Estudis sobre Ceràmica Antiga: Actes del Simposi sobre ceràmica antiga (Barcelona, 1993)*. Barcelona, p. 239-245.
- RÍSQUEZ CUENCA, C. (1993) - *Las cerâmicas de cocción reductora en el Alto Guadalquivir durante la época ibérica: hacia una tipología contextual*. Tesis Doctoral. Granada: Universidad.
- ROCHA, A. dos S. (1908) - Memórias e explorações arqueológicas II. Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira. *Portugalia*. Porto. 2, p. 302-356.
- ROS SALA, M. (1989) - *Dinámica urbanística y cultura material del Hierro Antiguo en el valle del Guadalentín*. Murcia.
- ROOS, A. M. (1982) - Acerca de la antigua cerâmica gris a torno de la Península Ibérica. *Ampurias*. Barcelona. 44, p. 43-70.
- SILVA, C. T. da ; SOARES, J.; BEIRÃO, C. de M.; DIAS, L. F.; COELHO-SOARES, A. (1980-81) - Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (Campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 149-218.
- SOARES, J.; SILVA, C. T. da (1986) - Ocupação pré-romana de Setúbal: Escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. *Trabalhos de Arqueologia (Actas do I Encontro de Arqueologia Urbana)*. Lisboa. 3, p. 87-101.
- VALLEJO SÁNCHEZ, J. I. (1998) - Sobre el origen y extensión de la cerâmica gris y las producciones occidentales. In CUNCHILLOS, J.-L.; GALÁN, J.M.; ZAMORA, J. -A., eds. - *Actas del Congreso "El Mediterrâneo en la Antigüedad: Oriente y Occidente"*. Sapanu, Publicaciones en Internet (<http://www.labherm.filol.csic.es>). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas. II.
- VALLEJO SÁNCHEZ, J. I. (1999) - *La cerâmica gris orientalizante del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz)*. Memoria de Licenciatura. Cádiz: Universidad.
- VALLEJO SÁNCHEZ, J. I. (no prelo) - Las decoraciones bruñidas en las cerâmicas grises orientalizantes. *Spal*. Sevilla.

